

ECOMUSEU DOS CAMPOS DE SÃO JOSÉ

ENTRE MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS





*ECOMUSEU DOS
CAMPOS DE SÃO JOSÉ*
ENTRE MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS

ECOMUSEU DOS CAMPOS DE SÃO JOSÉ

ENTRE MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS

Maria Siqueira Santos (Coord.)

Realização:



Patrocínio:



São José dos Campos, SP
2020

ECOMUSEU DOS CAMPOS DE SÃO JOSÉ

ENTRE MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS

GESTÃO DO PROJETO ECOMUSEU+

Maria Siqueira Santos

EQUIPE DE TRABALHO DO ECOMUSEU+

Aline Rocha Silva

Caroline Farnesi Borrielo

Desirée de Moura Ferreira

Fábio Martins Bueno

Joseana Aparecida de Souza Barreto

Juliana Mara Lima das Neves

Marcelo Vitor Rodrigues da Cunha

Maria Siqueira Santos

Raquel Henrique

Renata Sparapan

Tiane Tessaroto

DIRETOR-PRESIDENTE DO CENTRO DE ESTUDOS DA CULTURAL POPULAR

Ricardo Savastano

IDEALIZAÇÃO E SUPERVISÃO DE CONTEÚDO

Maria Angela Piovesan Savastano

IMAGEM DA CAPA:

Adão Silvério

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Magno Studio

TRATAMENTO DE IMAGENS E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Magno Studio

REVISÃO

Davi Siqueira Santos

ENTREVISTAS

Equipe de trabalho do Ecomuseu+

Equipe de trabalho do Inventário Participativo

Grupo de Comunicação de Jovens

PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS E TEXTOS

Maria Siqueira Santos

Raquel Henrique

Tiane Tessaroto

IMPRESSÃO

Allcor - Gráfica e Editora

Ficha Catalográfica

Elaborada por Cíntia Cássia Soares – CRB 8R/8848

Santos, Maria Siqueira (Coord).

Ecomuseu dos Campos de São José: entre memórias e perspectivas / Maria Siqueira Santos (Coord.). São José dos Campos, SP: CECP, 2020.

108p. : il. ; 21x24cm.

ISBN 978-65-87109-00-8

1. Ecomuseu – São José dos Campos, SP 2. Cultura Popular – São José dos Campos I. Título.

CDU:398

CDD:398

SUMÁRIO

1. Ecomuseu dos Campos de São José	7
2. A memória como patrimônio cultural: histórias dos bairros	11
A Zona Leste de São José dos Campos	12
Campos de São José	18
Jardim Diamante	50
Jardim Americano	71
3. Histórico fotográfico do Ecomuseu dos Campos de São José	82
4. Depoimentos e perspectivas	95
5. E foi assim que tudo começou...	103
6. Mural de agradecimentos	104

Ecomuseu dos Campos de São José

EM MARÇO DE 2015 iniciou-se, com o patrocínio da Petrobras/Governo Federal, a execução do Projeto “Ecomuseu: um território, um patrimônio, uma comunidade”, no bairro Campos de São José, Zona Leste de São José dos Campos - SP. Três anos depois, também em março de 2018, o Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP) deu continuidade à implantação do Ecomuseu dos Campos de São José com o Projeto “Ecomuseu+”, novamente com o patrocínio da Petrobras/Governo Federal e incluindo os bairros Jardim Americano e Jardim Diamante no escopo da ação. Ainda com um longo caminho pela frente, mas já com histórias para contar, o Ecomuseu dos Campos de São José tem o objetivo de desenvolver o protagonismo nos atores locais por meio de ações de valorização e fomento das culturas populares, dos saberes e fazeres do dia a dia que evidenciam processos históricos, identidades culturais, enraizamentos e empoderamentos sociais.

O CECP, uma organização não-governamental sem fins lucrativos, instituída em 1999 com a finalidade de promover o estudo, a pesquisa, a difusão e a valorização dos patrimônios material e imaterial em São José dos Campos, SP, tem, dentre suas ações realizadas, três atividades de destaque que se articulam para o cumprimento de sua finalidade: a gestão do Museu do Folclore de São José dos Campos, a produção da Coleção Cadernos de Folclore e, mais recentemente, a implantação do Ecomuseu dos Campos de São José, cujo objetivo é sensibilizar os participantes para o desenvolvimento da noção de coletividade, para uma tomada de consciência cultural, para a mobilização das pessoas em prol de seu patrimônio, de sua história, de sua memória, com a intenção de atuar no desenvolvimento sustentável e na construção de um mundo melhor.

A busca por conhecimentos e trocas de experiências, já no início dos anos 2000, por representantes do CECP liderados por Angela Savastano, resultaram em propostas museológicas que atendessem às demandas atuais dos territórios e sociedades. Essas pesquisadoras percorreram cidades brasileiras para participar dos Encontros Internacionais de Ecomuseus e Museus Comunitários e das Jornadas de Formação em Museologia Comunitária, atividades realizadas pela Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) e seus parceiros. O objetivo maior destes encontros era discutir práticas e conceitos ligados à Nova Museologia, fundamentais para a proposta de desenvolver um trabalho nesses moldes em São José dos Campos.

Neste contexto, foram conhecidas experiências de ecomuseus e museus comunitários no Brasil e no mundo. Mas, o que seriam esses museus e o que os diferenciariam dos museus ditos “tradicionais”?

São museus cuja preocupação é a resolução das necessidades do grupo, não havendo qualquer preocupação com um público; não são museus para serem visitados, o que não impede que isso aconteça, mas para serem vividos no cotidiano pelos partícipes das sociedades que os construíram. De certa forma, a ideia de patrimônio global responde pela definição desses museus: a própria vida, natural e cultural, é o patrimônio maior a preservar. Como processar tudo isso? Identificando esse patrimônio, pesquisando sobre ele, inventariando-o e comunicando-o para que cada vez mais seja percebido assim pela sociedade e assumido responsabilmente por ela. Por fim, transmitindo-o, reciclado e transformado, às gerações futuras.

São museus que se reconhecem como museus, pois coletam, pesquisam, inventariam e comunicam memórias – representadas pelo patrimônio – e as preservam, transformando-as ou recriando-as, transmitindo-as para a posteridade para que em algum outro momento de sua história possam ser utilizadas em benefício das sociedades.¹

O leitor agora deve estar se perguntando, como é que tudo isso acontece? Como colocar o patrimônio cultural a serviço do desenvolvimento local? Como as ações culturais desenvolvidas no Ecomuseu promoveram o protagonismo social?

No ritmo de vida do cotidiano, é comum que o comportamento recorrente seja esperar: esperar que as coisas mudem, que os conflitos acabem, que os políticos resolvam os problemas de ordem pública. Porém, por diversos motivos, esta espera tem se mostrado pouco eficiente. Primeiramente, porque a esfera pública não tem estrutura para resolver a contento todas as demandas de todos os cidadãos no momento preciso. Segundo, porque para que mudanças ocorram, os cidadãos têm de agir de maneira propositiva, ou seja, reconhecendo seu papel no diálogo com os representantes públicos e se responsabilizando pela preservação e cuidado do espaço público e de uso coletivo. Por fim, é necessário que os cidadãos definam coletivamente suas prioridades, tenham clareza sobre seu patrimônio cultural e ambiental para que, no diálogo com a esfera pública, possam sugerir aquilo que é mais potente de ser realizado em seu território.

¹ PRIOSTI, Odalice e PRIOSTI, Walter. **Ecomuseu, Memória e Comunidades**: Museologia da Libertação e piracema cultural no Ecomuseu de Santa Cruz. Camelo Comunicação: Rio de Janeiro, 2013, p. 38-9.

Logo no início e durante todo o processo de execução, a metodologia do Ecomuseu dos Campos de São José consistiu em mapear e fomentar os saberes e fazeres, promover a participação social e o uso dos espaços públicos por meio de rodas de conversa, rodas de cantoria, vivências, feiras culturais e piqueniques em parques e praças; fomentar rodas de bordado para troca de técnicas artesanais e convívio social; organizar e fomentar mutirões para construção de hortas comunitárias ou manutenção de áreas de lazer em locais de uso coletivo. Assim, mapear o patrimônio cultural local, mobilizar as pessoas, proporcionar situações de convívio social e estimular atitudes propositivas dos habitantes de um território são etapas para a implantação desse museu comunitário, cujo objetivo primordial é promover o desenvolvimento local a partir do patrimônio cultural reconhecido pelos próprios detentores.

Acredita-se que mobilizadas, as pessoas se permitem estar em situações de maior convívio e diálogo em coletivo e, assim, é natural que novas ideias emerjam. Neste convívio, revelam-se também os conflitos, desafios e problemas: *a falta de iluminação, a falta de segurança, o asfalto ruim, o descarte irregular de entulho, o trânsito de gado pelas ruas, os animais abandonados, o rio degradado, bem como sua mata ciliar, a falta de área de lazer para crianças, jovens, idosos, a insuficiência do serviço público de saúde...* São assuntos que interessam a todos e que podem ser mais rapidamente e adequadamente resolvidos se os cidadãos interessados participarem de todo o processo de solução dos problemas. Neste processo, é fundamental que o patrimônio cultural reconhecido pelos moradores seja utilizado como motor das ações, pois isto trará resultados consistentes e duradouros para a referida comunidade. Mas, o que seria este patrimônio cultural?

Patrimônio cultural é o que criamos, valorizamos e queremos preservar, por fazer sentido para nós e por conter memórias que de alguma forma adquirem sentido no âmbito coletivo. Por vezes, esse patrimônio está tão ligado ao nosso dia a dia que nem nos damos conta dele, ou não o valorizamos como um bem cultural.

A palavra “patrimônio” vem do latim *patrimonium* (*patri* = pai + *monium* = recebido) e está ligada ao conceito de herança ou bem recebido por hereditariedade. Esse bem pode estar relacionado a coisas materiais como uma casa, um objeto de valor, mas também diz respeito a todo o valor imaterial que herdamos dos nossos antepassados como os costumes, o jeito de falar, o conjunto de saberes e fazeres, expressões e práticas que nos remetem a histórias e memórias de quem somos.

Reconhecer e valorizar esse conjunto de bens culturais (materiais e imateriais) de

determinado local, os pessoais e os coletivos, é um dos primeiros passos para o empoderamento comunitário e o desenvolvimento local, uma vez que, identificados os bens comuns e os potenciais individuais, os laços de pertencimento são fortalecidos e o envolvimento/responsabilização do sujeito com seu território se intensifica. Por isso a valorização do patrimônio é tão importante e estratégica!

O patrimônio, sob suas diferentes formas [...], fornece o húmus, a terra fértil necessária ao desenvolvimento. O desenvolvimento não se faz “fora do solo”. Suas raízes devem se nutrir dos numerosos materiais que, na sua maioria, estão presentes no patrimônio: o solo, a paisagem, a memória e os modos de vida dos habitantes, as construções, a produção de bens e de serviços adaptados às demandas e às necessidades das pessoas. (VARINE, 2013)

Este é o trabalho do Ecomuseu dos Campos de São José: potencializar o desenvolvimento socioambiental das comunidades a partir dos elementos presentes no patrimônio cultural dos habitantes destes territórios.

A partir deste momento, o livro se dividirá em quatro partes. Num primeiro momento, como resultado de um mapeamento cultural e das memórias relatadas pelos entrevistados, será apresentada uma *Memória dos bairros*. Em seguida, na parte intitulada *Álbum de fotografias*, será apresentado um histórico imagético de ações do Ecomuseu dos Campos de São José. A terceira parte será uma sessão de *Depoimentos e perspectivas* dos habitantes dos bairros e parceiros que estiveram com o Ecomuseu durante suas atividades. Para encerrar, será apresentado um *Mural de Agradecimentos*, com nomes de pessoas que, ao longo destes cinco anos, mobilizaram-se e, por algum momento, foram pilares de sustentação das ações do Ecomuseu dos Campos de São José.

A memória como patrimônio cultural: histórias dos bairros

POR QUE ESCREVER sobre três bairros localizados na Zona Leste de São José dos Campos? O leitor poderá estar se perguntando sobre a necessidade ou importância desse feito, talvez ávido por descobrir um segredo do passado, uma construção icônica e antiga, ou alguma manifestação cultural das gentes dessa região que perdura no tempo ou ainda algum fato extraordinário que, por esta mesma razão, se sobressaia do contexto comum que paira sobre essas três localidades – Campos de São José, Jardim Americano e Jardim Diamante – justificando o motivo para se escrever um livro sobre as memórias destes três locais. Porém, nada disso aconteceu. Ou melhor, não foi a busca pelo extraordinário que motivou esta pesquisa e produção deste livro. Foram as memórias de vida, as narrativas acerca da formação dos bairros, as histórias do cotidiano, o olhar e ação dos habitantes sobre o território que motivaram a escrita deste livro. Tal livro celebra também um importante marco na implementação do Ecomuseu dos Campos de São José, em São José dos Campos, projeto idealizado e executado pelo Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP), na região Leste do município.

Para alcançar seu objetivo de promover o desenvolvimento local a partir do patrimônio cultural, o Ecomuseu dos Campos de São José realiza, desde 2015, um levantamento sócio-histórico² da localidade (Campos de São José, Jardim Americano e Jardim Diamante) por meio do trabalho da equipe de campo, contratada pelo CECP para realizar entrevistas, visitas domiciliares, rodas de conversas, atividades de interação com os habitantes desses bairros, mutirões ecológicos, dentre outras tantas ações de sensibilização, mobilização, divulgação, reuniões com parceiros, produção de relatórios. Em todas essas ações, mas especialmente durante as entrevistas dirigidas, é feito um mapeamento acerca da cultura familiar do entrevistado. Perguntas como: Onde nasceu? Morava na roça ou na cidade? Qual era a ocupação

² Vale ressaltar que o levantamento sócio-histórico proposto pelo Ecomuseu nos territórios já citados baseia-se na metodologia de pesquisa desenvolvida pelo CECP durante seus 20 anos de existência e, anteriormente, durante os quase 10 anos de Comissão Municipal de Folclore. Essa metodologia, amparada nos estudos de Rossini Tavares de Lima e Julieta de Andrade, da Escola Paulista de Folclore, dialoga com a Pesquisa Participante, fundamentada por Carlos Rodrigues Brandão, na qual a produção do conhecimento é produto da relação de diálogo entre as partes, procurando superar a oposição entre sujeito/objeto e pesquisador/pesquisado. Parte do pressuposto de que cada sujeito é em si uma fonte original e insubstituível de saber. Segundo o autor, “Uma investigação-ação-participativa almeja realizar alguma dimensão de empoderamento de saberes-e-poderes, de vocação insurgente e emancipatória” (BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A terceira Margem do Rio: anotações e fragmentos sobre a experiência da pesquisa como um encontro*, 2017, p. 35. Disponível em: <http://www.apartilhadavida.com.br/>).

de seu pai/mãe? Qual era a sua ocupação na época em que vivia com seus pais? Sua mãe, seu pai ou alguém da sua família faz/fazia algum tipo de artesanato? Tem alguém na sua família que toca algum instrumento/canta/produz? Era comum ter festas populares/tradicionais onde você vivia? Conhece alguém que faz usos medicinais de plantas?

Num segundo momento, depois de supor e verificar que as lembranças familiares e as vivências em comunidade são elementos formativos do patrimônio cultural de uma comunidade, ou seja, das memórias, dos saberes e dos fazeres que constituem a herança cultural de alguém, a equipe do Ecomuseu procurou traçar, a partir dos depoimentos dos moradores, o histórico de constituição dos bairros.

Portanto, a produção dessa “Memória dos bairros” se baseia, como indicado, nas memórias dos moradores. São elas que alimentam as narrativas para a construção deste histórico. Entende-se que a valorização das narrativas locais e o processo de construção histórica a partir das memórias dos habitantes do território traz um novo olhar sobre essa localidade, onde o sujeito se reconhece como parte formativa dela, pois, justamente suas lembranças, suas fotografias, suas percepções, traçam a linha condutora dessa história³.

Além das narrativas sobre esses pedaços de terra e suas populações, consultou-se livros, artigos, documentos públicos, mapas, fotografias para compor o registro desses três bairros da Zona Leste do município de São José dos Campos.

A Zona Leste de São José dos Campos

O Campos de São José, o Jardim Americano e o Jardim Diamante estão localizados na região leste da cidade de São José dos Campos e fazem vizinhança com a REVAP - Refinaria Henrique Lage, uma das refinarias da Petrobras, patrocinadora do Ecomuseu dos Campos de São José de 2015-2017 e 2018-2020.

³ Cabe ressaltar também que o trabalho realizado em São José dos Campos pelo CECP tem como referência bibliográfica e de abordagem metodológica as propostas expressas pelo museólogo francês Hugues de Varine em seu livro **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Nele, Varine expõe os pressupostos do que chama de “inventário participativo”, ou ainda, “inventário compartilhado”, onde o levantamento do patrimônio é feito de forma coletiva, procurando envolver os atores locais a fim de que se conscientizem de seu valor e ganhem maior autonomia sobre sua conservação, transmissão e transformação. “Devemos sempre lembrar que o inventário compartilhado é ao mesmo tempo um objeto e um meio: trata-se, com certeza, de chegar a um produto, utilizando todos os meios de coleta, de registros e de difusão; mas é também, e talvez principalmente, uma pedagogia que visa a fazer nascer no território a imagem complexa e viva de um patrimônio comum, de múltiplos componentes e facetas, que se tornará o húmus do desenvolvimento futuro, e que será igualmente compartilhado por todos”. (VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013, p. 59).

O crescimento dessa área da cidade deve-se, em grande medida, à instalação de indústrias na região e à construção e ampliação da rodovia Presidente Dutra para escoamento da produção no eixo Rio-São Paulo. São José dos Campos teve um aumento industrial exponencial a partir da década de 1950, o que resultou num grande crescimento populacional entre as décadas de 1950 e 1970. Esse crescimento continuou nas décadas de 1980 e 1990 e as populações migrantes, que chegavam no município para trabalhar nas firmas, costumavam procurar as áreas urbanas para viver, especialmente as áreas periféricas. Assim, o aumento da industrialização está ligado ao aumento da população que, por sua vez, está ligado ao aumento da urbanização do município.

A Zona Sul e a Zona Leste da cidade foram as regiões com maior crescimento populacional e de urbanização, ambas margeando a via Dutra e crescendo como reflexo do desenvolvimento industrial. A região sul foi preferida, a princípio, para sediar o parque industrial do município, empresas como a Kodak, Johnson & Johnson, Panasonic, Gerdau, Eaton se instalaram na região já entre as décadas de 1950-1970. Na região leste, Embraer, General Motors, Revap, Alpargatas, Ericsson começaram a ser instaladas a partir de meados de 1960 e influenciaram no crescimento urbano desta região do município, especialmente a partir da década de 1970.

A região Leste teve então um grande número de loteamentos aprovados neste período devido à presença da Refinaria Henrique Lages e da fábrica da General Motors, mas, também, devido ao custo do imóvel nessa região que atraiu muita gente que “queria sair do aluguel”. Além disso, houve o loteamento irregular de chácaras ocupadas por uma população de baixo poder aquisitivo, tornando-se um dos principais eixos de crescimento da cidade³.

Segundo informações obtidas através do informativo São José em Dados, de 2016, a região leste ocupa uma área territorial de 134,69 km² e atingiu, em 2010, uma população de 160.990 pessoas⁵. A área continua em expansão, com construção de conjuntos habitacionais e loteamento de bairros.

⁴ PAPALI, M. A., COSTA, S. F., ZANETTI, V., ALMEIDA, D., CARVALHO, L. C. G. “Dinâmica Urbana da Zona Leste de São José dos Campos (SP) e a Refinaria Henrique Lage (Revap)”. In: COSTA, S. M. F., MELLO, L. F. **Crescimento Urbano e Industrialização em São José dos Campos**. São José dos Campos: Intergraf, 2010, p. 143-162.

⁵ Dados censitários de 2010. In: São José em Dados, 2016. Disponível em: http://servicos2.sjc.sp.gov.br/media/667370/sjdados_2016.pdf. Acessado em: 01/03/2020.

Mapa da área de atuação do Projeto Ecomuseu+

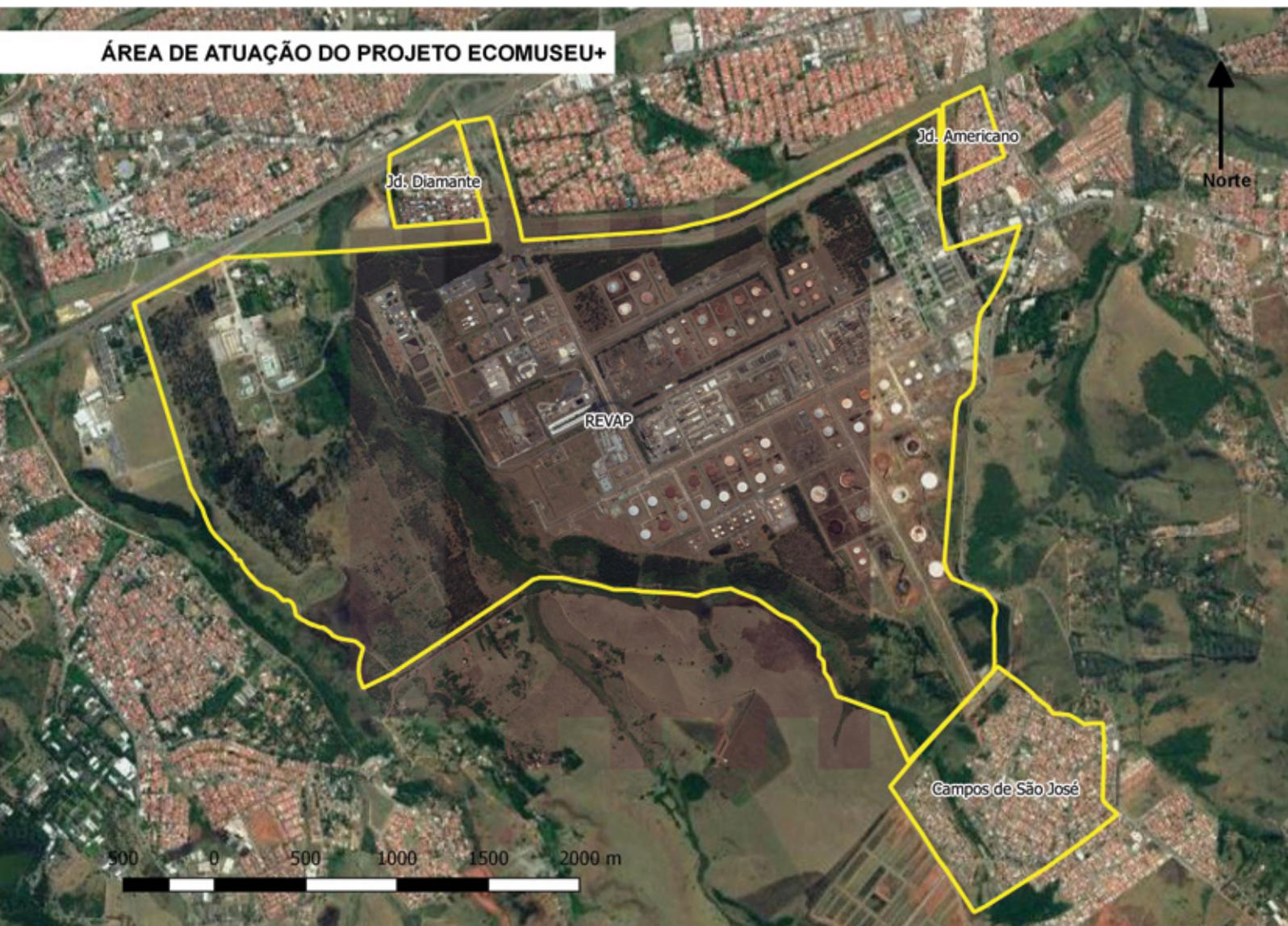


Imagem de satélite evidenciando a área de ação do Projeto Ecomuseu+. Fonte: Google Earth Pro.

O bairro Campos de São José (CSJ) passou a assim ser chamado a partir do loteamento do terreno que havia abrigado a fazenda Sanefuji, importante produtora rural da região entre os anos de 1960 e 1970. Na década de 1980, quando a gleba foi vendida para a empresa Castor Engenharia e Comércio LTDA., foi que se deu a urbanização e as vendas dos lotes, momento de grande ocupação da região Leste de São José dos Campos. Situado entre as bacias hidrográficas dos rios Pararangaba e Alambari, o Campos de São José possui cerca de 8.000 habitantes, um bairro bastante populoso para o contexto do município. Fica localizado no entorno da REVAP, Refinaria Henrique Lages – Petrobras -, distante cerca de 20 km do centro da cidade e localizado entre o lado direito da rodovia Presidente Dutra sentido São Paulo - Rio de Janeiro e esquerdo da rodovia dos Tamoios sentido São José dos Campos - Litoral. A caminho da Serra do Mar, o território do CSJ tem um relevo ondulado numa altitude mais elevada, já prenunciando a Serra. Dali, tem-se um belo horizonte.

É um espaço urbano que faz fronteira com a zona rural. Andando por suas ruas vemos pastos que viraram quarteirões, mas que mantêm suas cercas, suas vacas e cavalos, bem como a sabedoria de homens e mulheres da roça. A distância bairro-centro é grande para a maioria da população que faz uso de meio de transporte coletivo. Com isso, é difícil para a população se deslocar do bairro para o centro, embora para determinados serviços este deslocamento tenha necessariamente de ser feito. Por exemplo, não há agências bancárias no local, apenas uma Casa Lotérica, não há postos de gasolina ou agência do correio. Esses



Panorâmica do bairro mostrando o encontro do rural e do urbano, 2020. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

serviços podem ser encontrados no bairro Cidade Vista Verde, mas percebe-se que a maioria da população aproveita e, quando precisa, vai até o centro para resolver tais pendências.

Existem no bairro lojas comerciais, mercados, salões de beleza e barbearias, farmácias, lanchonetes, restaurantes, escolas, unidade de saúde, igrejas (católica e evangélicas), bicicletarias, brechós, quitandas, marcenarias, açougues. É um centro regional, pois as instituições dali congregam populações de outros bairros próximos, servindo uma população de cerca de 25.000 pessoas. Os moradores são geralmente trabalhadores que passam o dia fora e voltam para jantar e dormir, seus filhos ficam no bairro para estudar, passear. Alguns jovens trabalham, mas percebe-se que muitos ficam ociosos no período que estão em casa.

Há, porém, iniciativas locais na área da cultura importantes para o envolvimento dos jovens do bairro. A Clubeca é uma iniciativa de longa data do sr. Paulo Roberto da Silva e sua mulher Luci Mara Aparecida Ribeiro. Trata-se de um Projeto Social intitulado Clubeca - Clube da Criança e do Adolescente - que foi fundado no ano de 1999 e que oferece atendimentos voltados para ações educativas na área de cultura, arte, prevenção e cidadania⁶. Também o grupo de capoeira Me Chama, dirigido por André Aparecido Silva (André Preto, como é conhecido), mestre de capoeira que treina cerca de 60 pessoas, dentre crianças, adolescentes, jovens e adultos. Os treinos, desde 2015, acontecem às segundas, quartas e sextas na EMEF Maria Amélia Wakamatsu. Cumpre observar que as atividades da capoeira Me Chama tiveram início em 2002, quando André começou os treinos nos fundos do quintal de terra de sua casa.

Também o Célio Cândido, jovem do bairro, aluno da E.E. Valmar Lourenço Santiago e capoeirista, fez um trabalho voluntário de capoeira com crianças de um bairro próximo. Célio foi voluntário na equipe do Ecomuseu dos Campos de São José, participando do Projeto desde 2015.

⁶ Disponível em: <http://clubecasjc.blogspot.com/>. Acessado em: 25/03/2020.

Grupo de capoeira Me Chama se apresentando durante Feira de Saberes e Fazeres do Ecomuseu, em 2019. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Vista panorâmica do bairro, 2020. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Vista da Mata e do Campo de Futebol, 2020. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Campos de São José

Campos de São José, São José dos Campos

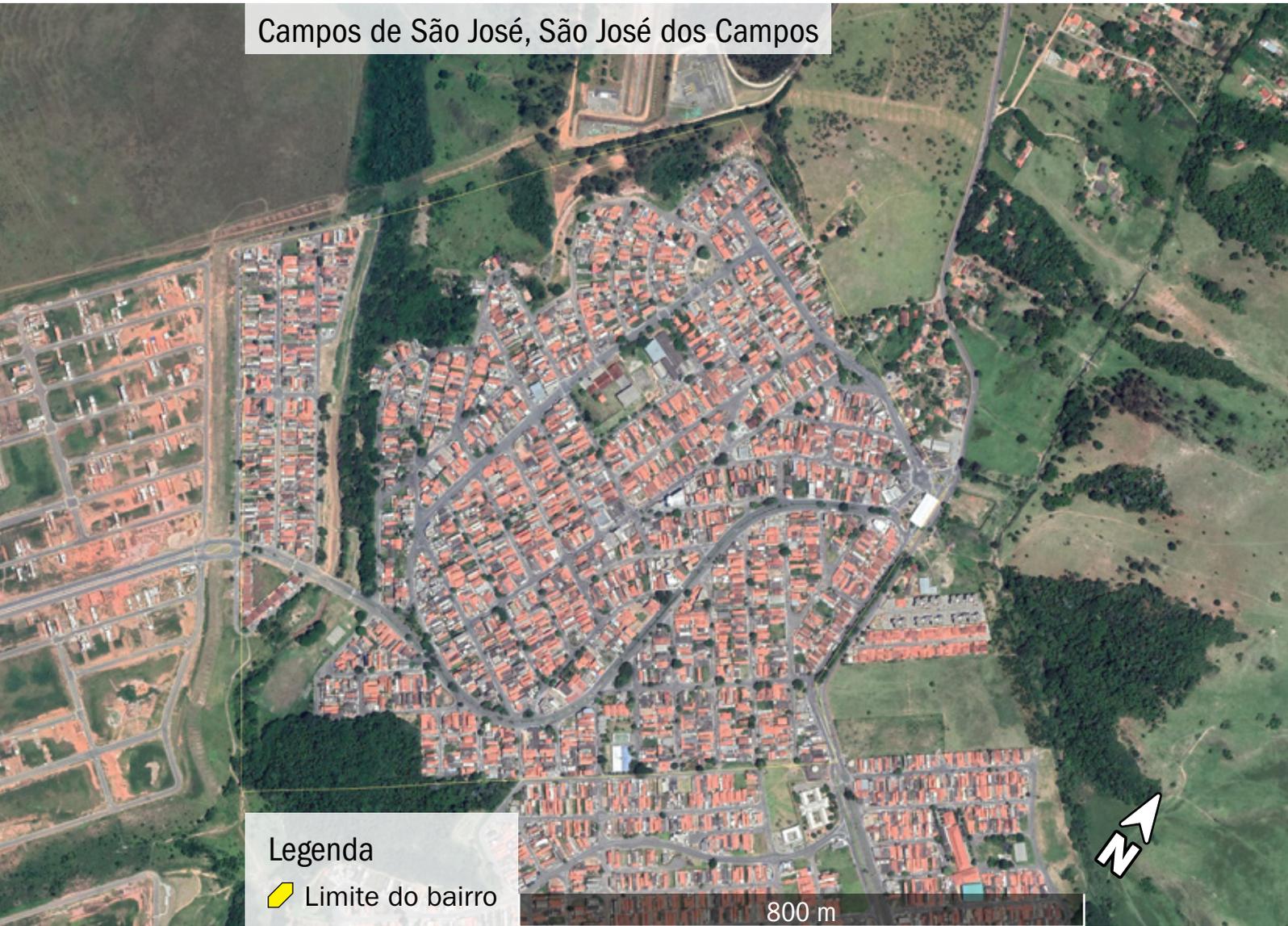


Imagem de satélite evidenciando o Campos de São José. Fonte: Google Earth Pro.

O loteamento do bairro foi feito há cerca de 40 anos, o que faz dele um bairro recente se compararmos com a história da urbanização de outras regiões da cidade, como Santana, Vila Maria, a região Central e até a Zona Sul. Lá foram morar as pessoas e famílias que estavam chegando em São José ou que já haviam chegado alguns anos antes, mas que ainda pagavam aluguel em algum bairro da cidade, especialmente na região Sul, ou que viviam na residência de algum parente mais antigo na cidade. Muitos que compraram os terrenos e casas no Campos de São José eram migrantes de roças ou pequenas cidades de estados no Nordeste, de Minas Gerais, do Paraná, do interior de São Paulo que vieram para trabalhar nas fábricas ou no comércio, e, vivendo aqui, formaram suas famílias, fizeram seus amigos e inimigos, compartilharam memórias, saberes e fazeres, riram, choraram, brincaram, labutaram, construíram um lugar. Um lugar de grande diversidade cultural, de patrimônios guardados nas memórias, de jeitos e modos de ser, de agir, de rezar. Um lugar que conta a história de migrantes de toda parte do Brasil e de meeiros das antigas fazendas da década de 1970, atualmente donos de pequenos sítios e chácaras, que mantêm o cotidiano rural em seu modo de ser, embora não sejam mais células produtivas e autossuficientes em relação à cidade, à indústria e ao comércio.

Por facilidade financeira, por conta de parentescos, pela relativa proximidade das fábricas joseenses, as pessoas foram chegando no Campos de São José, que não tem este nome por acaso. Além de ser um trocadilho com o nome da cidade de São José dos Campos, o Campos de São José leva este nome pela vegetação nativa que era predominante no local, o Cerrado. Porém, mais do que isso, a região é uma área de transição de biomas, ocorrendo fragmentos do Cerrado, da Mata Atlântica e de Matas de Várzea, chamadas também de matas ciliares, que protegiam os rios da região.

Mapa do Loteamento do Campos de São José, por volta de 1983. Note que algumas ruas já estão nomeadas, enquanto outras ainda estão enumeradas. Já aparecem previstas as áreas institucionais, onde hoje estão Fundhas, UBS, Escola Estadual e Escola Municipal. Também estão previstas as praças e a Área Verde, onde foi designado o Parque Alambari, um parque de extensão que engloba o Campos de São José e o Jardim Mariana 2, e que, além de área de lazer, protege o córrego Alambari de maiores degradações. Fonte da imagem: Site da Prefeitura de São José dos Campos.



Memórias e narrativas dos moradores do Campos de São José

Os primeiros anos e a mobilização comunitária por melhorias

Os moradores entrevistados pela equipe do Ecomuseu, especialmente os que vivem próximos à Estrada do Cajuru, região onde foram construídas as primeiras casas do loteamento, contam que o marco inicial do bairro é a Praça do Cruzeiro, pois ali foi celebrada, em 1989, pelo padre Ernesto Cunha, a primeira missa. Como não havia capela no bairro, uma Cruz foi fincada no chão da Rua Orlandino de Freitas, exatamente onde hoje se encontra a Praça Alda Rogada, mas conhecida como Praça do Cruzeiro.

O nome oficial dessa praça, Alda Rogada dos Santos, é uma homenagem a uma antiga moradora que teve um papel importante de articulação dos munícipes para buscar melhorias para o bairro no início do loteamento. Esse protagonismo pode ser observado no depoimento de Maria de Fátima Silva, antiga moradora do Campos de São José que chegou ao bairro no ano de 1989.

“No começo foi tudo muito difícil, não tinha água. A gente só tinha água num reservatório de poço artesiano, mas faltava mais água do que vinha. A gente passava uns três dias sem água. Não tinha luz, a gente emprestava luz de uma empresa e vivia se mobilizando, eu, a finada Alda, a Edna, umas mulheres que tinham aqui na comunidade, a Baiana, a Gelita. A gente vivia se mobilizando para reivindicar, íamos até a porta do senhor Geraldo, que era responsável pela Castor, ele quem cuidava da água e da luz. Foram vindo novos moradores e a comunidade foi se organizando. Essa organização começou mais pelas mulheres que cuidavam das crianças, cuidavam das casas, que rezavam”.

Fotografia retrata evento religioso ao ar livre no Campos de São José, 2005. Crédito: Arquivo da Paróquia São José, Esposo de Maria.





Imagens de santos que são colocadas por fiéis na capelinha localizada junto ao Cruzeiro. 2019. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Placa da Praça. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



PROJETO ECOMUSEU+. Campos de São José, SJC-SP. 12.02.2020.

Cruzeiro, capelinha e área de lazer da Praça Alda Rogada dos Santos após mutirão de revitalização. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



No início o bairro tinha pouca estrutura urbana, as ruas internas foram entregues asfaltadas, mas a Estrada do Cajuru, que ligava o bairro ao centro da cidade, ainda era de terra. Atualmente essa estrada recebe o nome de Dom José Antônio do Couto, que foi um bispo da Diocese de Taubaté, embora seja ainda popularmente reconhecida como Estrada do Cajuru.

Segundo conta a moradora Nadir Aparecida dos Reis, a estrada foi asfaltada apenas no ano de 1999. Padre Célio Antônio Almeida, que trabalhou por muitos anos no bairro, e o morador José Moraes, nascido na região há mais de 50 anos, confirmam a data e acrescentam que foi preciso reunir moradores para que o fato acontecesse. O sr. José Moraes relatou também que um grupo de moradores foi até São Paulo, na instância do governo estadual, para pleitear o asfalto para a Estrada do Cajuru, que a essa época já possuía muitos bairros formados no seu entorno.

“Teve uma comissão de bairro que o meu pai fazia parte, uma comissão de bairro forte. Isso ia ser asfaltado mesmo, porque as coisas iam crescendo de uma tal maneira que tinha que ser asfaltado. O asfalto veio no ano de 1999, mas a luta na prefeitura já tinha uns cinco anos. O grupo chegou a ir até em São Paulo para poder liberar a estrada. Na inauguração veio o governador Mário Covas. Ele desceu de helicóptero bem em frente ao campo na Capela de Santa Cruz.”



Registro do dia em que o governador Mário Covas esteve na Capela de Santa Cruz para a inauguração do asfalto da Estrada do Cajuru, no ano de 1999. As crianças se divertiram em frente ao helicóptero que trouxe as autoridades. Crédito: Arquivo pessoal de José Moraes e Neusa Evangelina Moraes.



Transporte e saneamento também eram precários. Os serviços básicos foram chegando aos poucos como resultado dos esforços comunitários, muitos deles iniciados a partir do envolvimento das pessoas com as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e a SAB (Sociedade Amigos do Bairro). Como lembra Maria de Fátima Silva, a movimentação para conseguir melhorias partiu em grande medida da organização das mulheres, pois eram elas que, por ficarem em casa responsáveis pelos cuidados com os filhos, tomavam a frente nas reivindicações e também faziam visitas às casas para rezar o terço, conhecendo assim mais de perto as necessidades dos moradores do bairro. Nilcéia Aparecida Neves de Melo, outra moradora antiga que chegou ao bairro no ano de 1991, conta que em sua rua, hoje muito movimentada, havia apenas quatro casas e atrás um grande morro de areia e argila onde seus filhos brincavam. Ela também relembra que nos primeiros dias no bairro passou sem energia elétrica, tendo que emprestar de vizinhos até conseguir a instalação correta.

Família de Nilcéia Aparecida Neves de Melo, na rua Benedito de Paula Ferreira, altura do número 380, década de 1980. Era o início do loteamento e a família havia se mudado para o Campos de São José a pouco tempo. Crédito: Arquivo pessoal de Nilcéia Aparecida Neves de Melo.

A mobilização contínua: mutirões para construção da Capela

O bairro Campos de São José atualmente abriga a Paróquia São José, Esposo de Maria, instalada em 26 de fevereiro de 2016 pela Diocese de São José dos Campos. Sua história, porém, é bem mais antiga e envolve os esforços da comunidade e dos párocos que por lá passaram, pois foi construída na base de mutirões, com muito esforço e envolvimento da comunidade que promovia festas para arrecadar o dinheiro necessário para a compra dos materiais e arregaçava as mangas para construir o templo.

Segundo os relatos de moradores, após a celebração da primeira missa e a colocação do Cruzeiro no cruzamento das ruas Orlandino de Freitas e Mirabeau Antônio Pini, as demais missas passaram a ser celebradas nas casas das pessoas até que, por volta do ano de 1990, conseguiu-se um pequeno terreno e construíram uma pequena capelinha de madeira coberta com telha Eternit. Foi uma luta grande até que conseguiram a doação do terreno por parte da empresa Castor.

De acordo com o padre Célio Antônio de Almeida

“A comunidade aderiu ao desafio de unir-se para construir a capela na base de mutirão. Adquirimos um lote, construímos uma capelinha e depois construímos um prédio grande que está lá”.

As pessoas não tinham muitos recursos para ajudar financeiramente na construção da igreja, então, ajudavam com trabalhos coletivos. Doavam seu tempo e o material para fazer salgados, doces, comidas típicas e vender em barracas para angariar fundos para a construção da igreja. O padre relata que a Paróquia foi uma das grandes conquistas do bairro. Cita também o Parque Alambari como importante conquista da comunidade local.



Casa que era usada como Capela do bairro, entre 1993-1995. Crédito: Arquivo da Paróquia São José, Esposo de Maria.



Vista da construção da Capela do Campos de São José e primeiras casas da região, entre 1993-1995. Crédito: Arquivo da Paróquia São José, Esposo de Maria.



Construção em mutirão da Capela do Campos de São José, entre 1993-1995. Crédito: Arquivo da Paróquia São José, Esposo de Maria.



Construção em mutirão da Capela do Campos de São José, que atualmente recebe o nome de Paróquia São José, Esposo de Maria, entre 1993-1995. Crédito: Arquivo da Paróquia São José, Esposo de Maria.



A Paróquia São José, Esposo de Maria em 2018. Crédito: Arquivo da Paróquia São José, Esposo de Maria.

A Igreja Batista do Campos de São José é uma dentre as várias igrejas evangélicas existentes no bairro. O prédio que existe hoje foi construído por volta de 2010, porém o espaço é utilizado pela comunidade evangélica batista há cerca de 20 anos. Quem nos conta é a moradora Julita Miranda de Lima, que está no bairro há quase 25 anos. Segundo a moradora, o terreno, que era da empresa Castor, foi adquirido por mulheres ligadas à Igreja Batista do bairro São Vicente. Antes, as reuniões aconteciam em sua casa, que fica em frente ao terreno. Julita, que escreve poemas e tem dois livros publicados, conta com orgulho que na pedra fundamental da igreja está uma de suas poesias.

D. Julita conta ainda que no começo foi armado um circo no terreno para arrecadar fundos e promover uma ação social para chamar a comunidade. Atualmente, a igreja conta com aproximadamente 180 membros e realiza ações comunitárias e de evangelização. Oferece cursos de férias com atividade lúdicas dentro da escola bíblica para as crianças. Também promove acampamentos e ações sociais, como o curso de corte e costura. É um ponto de referência cultural importante para a comunidade evangélica do bairro.



Fotografia da Igreja Batista do Campos de São José.
Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



D. Julita participando de uma Roda de Bordado na praça Alexandre dos Santos Saciloti, no Campos de São José.

Histórias do antes vividas no hoje

O Cajuru que permanece no Campos de São José



Vista do Cajuru, região que engloba os atuais bairros Santa Helena, Campos de São José, Jd. Mariana I e II, Santa Cecília I e II, Cajuru, Pousada do Vale e Monte Rey. Esta foto foi tirada do sítio do sr. João de Moraes Filho, em 2015, mostrando o vale por onde passa o ribeirão do Cajuru, afluente do rio Pararangaba. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Embora seja uma urbanização recente, a região do Campos de São José tem uma longa história de ocupação humana. Assim como em outras áreas da região leste de São José dos Campos, foi encontrado um sítio arqueológico num topo de uma colina do recém-inaugurado loteamento Altos de São José, bairro vizinho. Segundo o arqueólogo responsável, Wagner Gomes Bernal, durante palestra realizada no Parque Vicentina Aranha, no dia 15 de agosto de 2017⁷, as peças recolhidas naquele sítio indicam que ali habitavam indígenas pré-cabralinos, caçadores-coletores, do tronco linguístico tupi-guarani. Há mais de 500 anos, portanto, esses indígenas nomearam essas terras, suas árvores e frutos, bem

⁷ Ver https://issuu.com/parquevicentinaaranha/docs/pva17_ago_prog_issuu/7. Acessado em 23/02/2020.

como seus rios e peixes. Alguns desses nomes permanecem nos dias de hoje, embora não nos atentemos a isto.

O território do Campos de São José, que pertence à região do Cajuru, é banhado pelas águas de dois rios, que atualmente são quase invisíveis aos moradores devido à grande redução dos seus volumes, embora continuem sendo importantes para a rede hidrográfica de São José dos Campos. São eles: o ribeirão do Cajuru e o córrego Alambari. Não por acaso, os dois nomes são de origem tupi-guarani.

Do lado direito, a estrada Dom José Antônio do Couto, conhecida como Estrada do Cajuru. O ribeirão do Cajuru corre do lado esquerdo da estrada. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Cajuru, segundo o Dicionário Houaiss, vem da junção dos termos *ka'a* + *ju'ru*. *Ka'a* no sentido de 'mata' e *ju'ru* no sentido de 'boca', donde tem-se 'boca da mata'. Era ali, e ainda é, onde os rios Cajuru e Alambari correm lado a lado até desaguar no Paraíba do Sul; era ali, e ainda é, que a vegetação do Cerrado se encontra com as árvores da Mata Atlântica, mediadas pelas Florestas Aluviais, as várzeas. Hoje estrada do Cajuru, ribeirão do Cajuru, região do Cajuru, bairro Cajuru. A palavra permanece, a paisagem muda.

Alambari, também na acepção do Houaiss, é uma palavra tupi-guarani: "*Arawe'ri* no sentido de 'nome de várias espécies de peixes da fam. dos caracídeos.'" Os caracídeos são peixes pequenos e muito abundantes nas águas dos rios brasileiros, popularmente chamados de lambaris. Aquele rio, que hoje cruza o Campos de São José, tão estreito, assoreado e poluído, era um rio cheio de lambaris, onde os antigos moradores da terra pescavam para prover sua alimentação, onde as crianças nadavam e brincando aprendiam as tarefas da vida. Ali também, na riqueza de um território permeado pelo cerrado e pela floresta, se colhiam frutos, ervas, raízes e sementes. Um verdadeiro paraíso.



Ao fundo, vista do bairro Altos de São José, loteamento recente, onde foi encontrado um sítio arqueológico de datação anterior à chegada dos portugueses no Brasil. Fotografia registrada em abril de 2018. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Campos de São José
10-04-2018



O Campos de São José emoldurado pelos morros da Serra do Mar. Fotografia registrada em maio de 2015. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Remanescente de Mata Atlântica no Campos de São José. Ali naquela mata vive uma família de primatas, os macacos *Callithrix aurita*, popularmente chamados de Saguí-da-Serra-Escuro. Fotografia registrada em maio de 2015. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Ao fundo, a Serra do Mar e o leito do córrego Alambari. Essa fotografia permite imaginar a dimensão do rio que por ali passava há 500 anos. Fotografia registrada em abril de 2018. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Campo e cidade: permanências e transformações

Tradições rurais que compõem com a cidade

Em meados do século XX, num salto de centenas de anos desde a época das aldeias indígenas, a região do Cajuru estava ocupada por sítios e fazendas que produziam leite, cultivavam alimentos como milho, feijão, batata, entre outros. Ali, segundo o sr. João Moraes Filho em entrevista realizada em junho de 2015, plantou-se também milhares de pés de eucaliptos, comercializados na cidade e região para a construção civil e para combustão. Para tocar as grandes propriedades rurais, havia grupos de famílias que trabalhavam nessas fazendas e que também produziam em suas roças, onde plantavam alimentos diversos para consumo próprio ou escambo, além dos derivados de mandioca e cana de açúcar para venda. Galdino, Moraes, Moreira, Oliveira, Garcia, Feitosa são algumas dessas famílias que acompanharam as transformações na região do Cajuru e que ainda vivem ali.

Nas conversas com moradores antigos e pessoas que acompanharam de perto a transição rural-urbana do Cajuru, nota-se que a região é muito lembrada por ser uma referência na produção de farinha de mandioca, ou seja, era ali que muitos agricultores plantavam, colhiam, preparavam a massa e produziam a farinha.

Máquina de farinha na propriedade de dona Valentina Galdino, localizada na estrada do Mato Dentro. Fotografia tirada em maio de 2019. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



As famílias Galdino e Moraes são dois exemplos de famílias antigas que produziam alimentos para o sustento próprio e para a venda no mercado municipal, mercados e feirantes da cidade. O transporte até o centro da cidade era feito em carros de boi pela Estrada do Cajuru. Foram essas duas famílias, assim como outras, que há mais de cem anos construíram a capela de Santa Cruz. O local da capela antigamente servia como ponto de encontro e de descanso para aqueles que seguiam viagem até a cidade a fim de vender seus produtos. No princípio havia uma cruz de beira de estrada e a partir dessa cruz foi construída a capela que existe até hoje.

José Moraes e sua esposa, Neusa Evangelina Moraes nasceram na região do Cajuru e, assim como outros membros de suas famílias, conhecem muitas histórias daquelas bandas. Testemunhos vividos, ensinamentos transmitidos pelos pais, avós, histórias compartilhadas. Possuem uma visão crítica sobre a utilização do espaço e o respeito à natureza, muito conhecimento sobre o manejo de plantações, reaproveitamento de materiais e separação do lixo. Gostam de contar histórias e sabem muitas, a tradição oral está ainda muito presente no seio familiar, pois nota-se que os filhos e netos também conhecem e acompanham as histórias da família e, apesar de estarem inseridos em um mundo tecnológico diferente de seus ancestrais, valorizam e mantêm pulsante muitas tradições familiares.

Através de Neusa conhecemos Valentina Galdino Fernandez, uma senhora de 77 anos que nasceu no Cajuru. Ela tem em seu quintal uma casa de farinha que hoje está desativada. Dona Valentina é reverenciada como a pessoa da comunidade que possui a receita e o modo de fazer tradicional do famoso bolinho caipira. Muitos sabem fazer, mas os moradores dizem que ela é a mais antiga na tradição. É ela quem faz o bolinho caipira para as festas realizadas na Capela de Santa Cruz, juntamente com Neusa, sua sobrinha, e outros membros da família.

A família conta um fato sobre o bolinho caipira que remonta às suas origens indígenas, tão comentadas por pesquisadores desse bem imaterial. Dizem que a receita vem de uma índia da família Moreira, “[...] uma das oito famílias que habitavam a região”.

“Ela era uma mulher forte e guerreira que chegava a botar medo em muito marmanjo da região, não era muito dada a conversas. Foi a primeira pessoa da região a fazer esses bolinhos para vender.”



Ela, que andava sempre com saia longa, costumava sentar-se à frente da capela colocando no colo coberto pela saia, um cesto cheio dessa iguaria. Ali ela ficava por horas e vendia seus bolinhos. A receita foi fazendo sucesso e se espalhando pela vizinhança. José e Neusa já ouviram várias histórias sobre essa índia vendedora de bolinho caipira, que lhes foram contadas pelos moradores mais velhos, como o pai de José Moraes, o sr. João Moraes.

Neusa e d. Valentina preparando bolinho caipira durante o Museu Vivo, programação dominical do Museu do Folclore de São José dos Campos. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



A Capela de Santa Cruz é referência importante do patrimônio cultural, material e imaterial, da região do Cajuru. Construída em sistema de mutirão há cerca de 175 anos, segundo relatos de antigos moradores, ela converge inúmeros saberes e fazeres da população local. Fica no alto do morro antes da entrada do Campos de São José e, em seu terreno, está também localizada a Cooperativa de Reciclagem São Vicente. Padre Célio diz que essa é uma das quatro capelas mais antigas da cidade. Ali se realizam missas e novenas, além das tradicionais festas de Santa Cruz e Junina, bem como a Festa do Jabá. É uma das capelas administradas pela Paróquia São José, Esposo de Maria.

Cruzeiro da Capela de Santa Cruz. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Capela de Santa Cruz e Mastro em 2019. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.





A capela e seu altar no início da década de 2000. Crédito: Arquivos pessoais de José Moraes e de Sérgio Galdino.







Imagens de festas e celebrações ocorridas na Capela de Santa Cruz. Nessas ocasiões, os festeiros e seus apoiadores faziam almoços, doces, promoviam leilões. Crédito: Arquivos pessoais de José Moraes e de Sérgio Galdino.







No terreno da Capela de Santa Cruz funciona, há cerca de 20 anos, a Cooperativa de Reciclagem São Vicente. A iniciativa nasceu em decorrência do transbordo do córrego Alambari e do ribeirão do Cajuru, que cortam a região. Padre Célio conta que os rios transbordavam todos os anos e sempre que isso acontecia a comunidade pedia abrigo na igreja. Depois de um tempo, o padre resolveu trabalhar num plano de tomada de consciência sobre o tratamento que os próprios moradores davam ao rio, pois jogavam muito lixo ali. Além de incentivar que recorressem à Prefeitura para solucionar o problema.

“No começo tirava-se de tudo do rio: geladeira, fogão, sofá, grande quantidade de plástico, garrafas PET. Foi assim que acabou surgindo a necessidade da cooperativa”.

Começaram juntando as PETs no próprio bairro, mas logo foram denunciados porque não poderiam fazer isso naquele local. Assim, passaram a utilizar uma área do terreno da Capela de Santa Cruz, no Cajuru, e começaram debaixo de uma lona. Quando chovia virava uma lama tremenda e as pessoas não tinham abrigo adequado. Com o tempo, começaram a receber ajuda de algumas empresas, como a Petrobras, e outras que, vendo os esforços dos envolvidos, doaram alguns materiais. A Cooperativa São Vicente serviu de exemplo para outras cooperativas da cidade e também para a prefeitura.

Atualmente a Cooperativa trabalha com reciclagem de PETs e com todos os tipos de materiais recicláveis, incluindo óleo e ferrosos. Apenas não trabalha com materiais químicos.

Todos os trabalhadores são cooperados, a maioria trabalha por lá durante um tempo e depois segue para outros trabalhos, uma vez que o trabalho é árduo. Ao longo desses 20 anos já passaram pela Cooperativa mais de 600 cooperados.

Fotografias que retratam a Cooperativa no ano de 2018. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Início da Cooperativa São Vicente, ano de 2000. Crédito: Arquivo pessoal de José Anésio.



Visita de alunos da E.E. Valmar Lourenço Santiago à Cooperativa São Vicente, em agosto de 2018. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



O patrimônio ambiental do Campos de São José

Parque Ecológico do Córrego Alambari

No Plano Diretor de São José dos Campos de 2006 foi planejada a implantação do Parque Ecológico do Córrego Alambari, localizado nos bairros Jardim Mariana 2 e Campos de São José, popularmente conhecido como Parque Alambari. Os planos da Prefeitura Municipal na ocasião eram:

“[...] preservar a vegetação nativa remanescente e recompor as de mata ciliar degradadas, adequar o uso de áreas verdes públicas, evitar a degradação ambiental naquele local, construir um espaço voltado ao lazer, envolver a comunidade criando um conselho gestor para o Parque, estimular o desenvolvimento de pesquisas ambientais e promover a Educação Ambiental”⁸.

⁸ Notícia veiculada no site da Prefeitura de São José dos Campos em 2006. Disponível em: http://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=128. Acessado em: 02/03/2020.

Área do Parque Alambari, às margens do córrego, sem mata ciliar e com entulhos de construção civil. Ao fundo, área urbanizada do Parque. Fotografia de 2015. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.





Plantio de árvores nativas realizado pelo Ecomuseu em parceria com a comunidade, Fundhas do Campos de São José, Lions Club e Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Esta atividade aconteceu em setembro de 2019. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Mesma área retratada em 2015 e 2019, agora em janeiro de 2020, mostrando uma Agrofloresta em produção. Além do plantio das árvores, já com cerca de 400 árvores novas desde 2015, produção de milho, mandioca, banana e outras espécies de plantas alimentícias. Atividades de reflorestamento e manejo fomentadas pelo Ecomuseu e realizadas pela comunidade do entorno. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Inaugurado em 2008, o Parque Alambari, cortado pelo córrego que lhe dá nome, é um parque de extensão que pretende ser um corredor ecológico para os animais, um espaço de lazer e descanso para as famílias e um laboratório de Educação Ambiental.

Na área de mata mais preservada é possível encontrar o Sagui-da-Serra-Escuro, um macaquinho de porte pequeno, cujo nome científico é *Kalitrix Aurita*. O morador Jairo Fernandes tem uma experiência longa com esses macacos, há cerca de 15 anos vem acompanhando seus movimentos pela mata e, com isso, aprendeu muito sobre seus hábitos. Jairo conta que todos os dias por volta das onze horas da manhã eles aparecem em seu quintal para comer as bananas que ele lhes oferece. Jairo mora na beira da mata e tem uma relação permanente de cuidado com ela.



O *Kalitrix Aurita*, conhecido como Sagui-da-Serra-Escuro, serve de inspiração para um importante trabalho de educação ambiental realizado na Fundhas do Campos de São José pelo grupo intitulado Patrulha Ambiental. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

O córrego Alambari, que atualmente sofre com assoreamento, descarte de esgoto e tem pouca expressividade em relação ao volume de água, devido às nascentes que o alimentavam terem secado, é um importante afluente do rio Paraíba do Sul e marco geográfico do município, pois é ele quem divide a região leste da região sudeste de São José dos Campos. No passado foi um rio caudaloso, onde as pessoas pescavam e se banhavam. Por vezes, o rio transbordava e provocava diversos prejuízos e problemas para os habitantes próximos. Depois do represamento do rio, realizado no bairro Santa Cecília 1, e correção do seu curso, o volume de água ficou bem menor. Além disso, devido à extinção de sua mata ciliar, o Alambari ficou bastante assoreado. Outro problema atual diz respeito ao descarte de esgoto no córrego e ao depósito de resíduos materiais em suas margens.

Nesta imagem vê-se o córrego assoreado e com emissão de esgoto. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



O córrego Alambari na altura do Campos de São José. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Pneus dentro do córrego Alambari. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



A moradora Maria de Fátima, anteriormente citada, conta que quando chegou ao Campos de São José a parte baixa do bairro era coberta por mata, pois ainda não havia muitas ruas e casas. A estrutura do loteamento era muito precária e era comum faltar água e luz. O fornecimento de água era feito a partir de um reservatório de poço artesiano, às vezes chegava a faltar água por três dias seguidos e o córrego, relatado pelos moradores como rio, era a solução para suprir a necessidade da população.

“Antes, quando faltava água, a gente ia lá para o rio Alambari. Tinha mina de água e a gente pegava água para beber, dava banho nas crianças, lavava louça com aquela água. Hoje não dá mais para fazer isso porque o rio está contaminado, está secando porque foi destruída a sua mata ciliar. Também foi colocado esgoto doméstico dentro do rio e as pessoas jogam lixo dentro dele”.

O padre Célio conta que quando chegou ao Campos de São José encontrou muitos problemas relativos ao rio. A cada chuva que ocorria, o córrego Alambari subia, causando muitos estragos. As pessoas então vinham até ele para pedir ajuda. Ele diz que foram inúmeras vezes que isto aconteceu. Até que ele resolveu fomentar nas pessoas o protagonismo social, mostrando que elas podiam e deviam ter autonomia para buscar melhorias para seu bairro nas instâncias públicas e, além disso, começou a conscientizá-las a respeito da questão ambiental, mostrando a elas a responsabilidade que elas tinham sobre o grande volume de lixo e entulho que era descartado no rio.

O trabalho de conscientização empreendido pelo padre Célio que culminou com a criação da Cooperativa de Reciclagem São Vicente, bem como a implantação do Parque Alambari pela Prefeitura foram melhorando a relação das pessoas com o rio, embora outros problemas estruturais tenham se aprofundado, como o assoreamento e a poluição. Além disso, desde 2015, o Ecomuseu dos Campos de São José fomenta e realiza, em parceria com a Prefeitura Municipal de São José dos Campos, ações de revitalização e recuperação da mata ciliar e ações de convivência e lazer na área do Parque. Conforme apontam duas moradoras do bairro, a ação do Ecomuseu no espaço do Parque Alambari foi marcante para que a comunidade se apropriasse desse importante espaço público e voltasse sua atenção para a necessidade de recuperar o rio Alambari.



O entorno do Parque Alambari antes e depois. Fotografias de 2011, 2015 e 2020 mostram a transformação do espaço no entorno do Parque Alambari. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José e Google Street View.

As moradoras Lídia Jovina Pires da Silva e Josefa Vieira Gomes, que vivem no bairro há muitos anos, relatam como o uso do parque vem sendo mudado para melhor depois que o Ecomuseu começou com as propostas de valorização dos saberes e fazeres das pessoas e do patrimônio, num processo de engajamento cidadão e valorização de todos os envolvidos. De acordo com elas, o parque vinha sendo ocupado de maneira inapropriada, o que inibia seu uso pela maioria da população. Mas a partir do momento em que os moradores começaram a utilizá-lo por conta das Feiras de Saberes e Fazer, promovidas pelo Ecomuseu, a ocupação do espaço mudou, pois as famílias e as crianças passaram a frequentá-lo e cada vez mais pessoas procuram utilizar e cuidar do espaço.

Diz Lúdia:

“Acho que o que ajudou bastante o Parque Alambari foi o Ecomuseu, porque a gente tem feito bastante trabalho por lá e chamado o pessoal para fazer limpeza. Tem também o pessoal da Fundbas que leva as crianças para fazer limpeza, a Patrulha Ambiental. As crianças ajudam o Ecomuseu nisso e o Ecomuseu ajuda as crianças mostrando a importância desse nosso espaço, ensinando a valorizar o que é nosso”.

Segundo Josefa,

“O Ecomuseu conseguiu manter o parque mais limpo. Agora o pessoal da prefeitura está trabalhando lá dentro, cortando o mato e mantendo mais limpo, mas quem deu o pontapé inicial foi o Ecomuseu. Isso porque, conforme a gente ia fazendo atividades lá e utilizando o parque, o pessoal vandalizava o local e se afastando. Hoje está bem melhor, mais limpo, só falta limpar o rio [...]. Uma ótima coisa que a gente fez foi ter tomado conta daquela parte, pelo menos um pouco, para as pessoas terem outra visão”.

Josefa afirma que o Ecomuseu incentivou outras pessoas e grupos a utilizarem o parque, pois, a partir das feiras realizadas, outros grupos começaram a fazer eventos no local. Além disso, o Ecomuseu vem incentivando moradores do entorno a recuperarem a mata ciliar do Alambari por meio da implantação de um sistema agroflorestal. Cerca de 400 árvores nativas já foram plantadas na área e muitos alimentos já foram produzidos ali.



Cenas que retratam o uso do Parque feito pela comunidade do Campos de São José. Essas atividades, as Feiras de Saberes e Fazeres, foram realizadas pelo Ecomuseu dos Campos de São José entre os anos de 2015 e 2019, em parceria com moradores, com o objetivo de promover a ocupação do espaço público, momentos de lazer e convivência, bem como oportunidades de educação ambiental e patrimonial. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



JARDIM DIAMANTE

Jardim Diamante, São José dos Campos

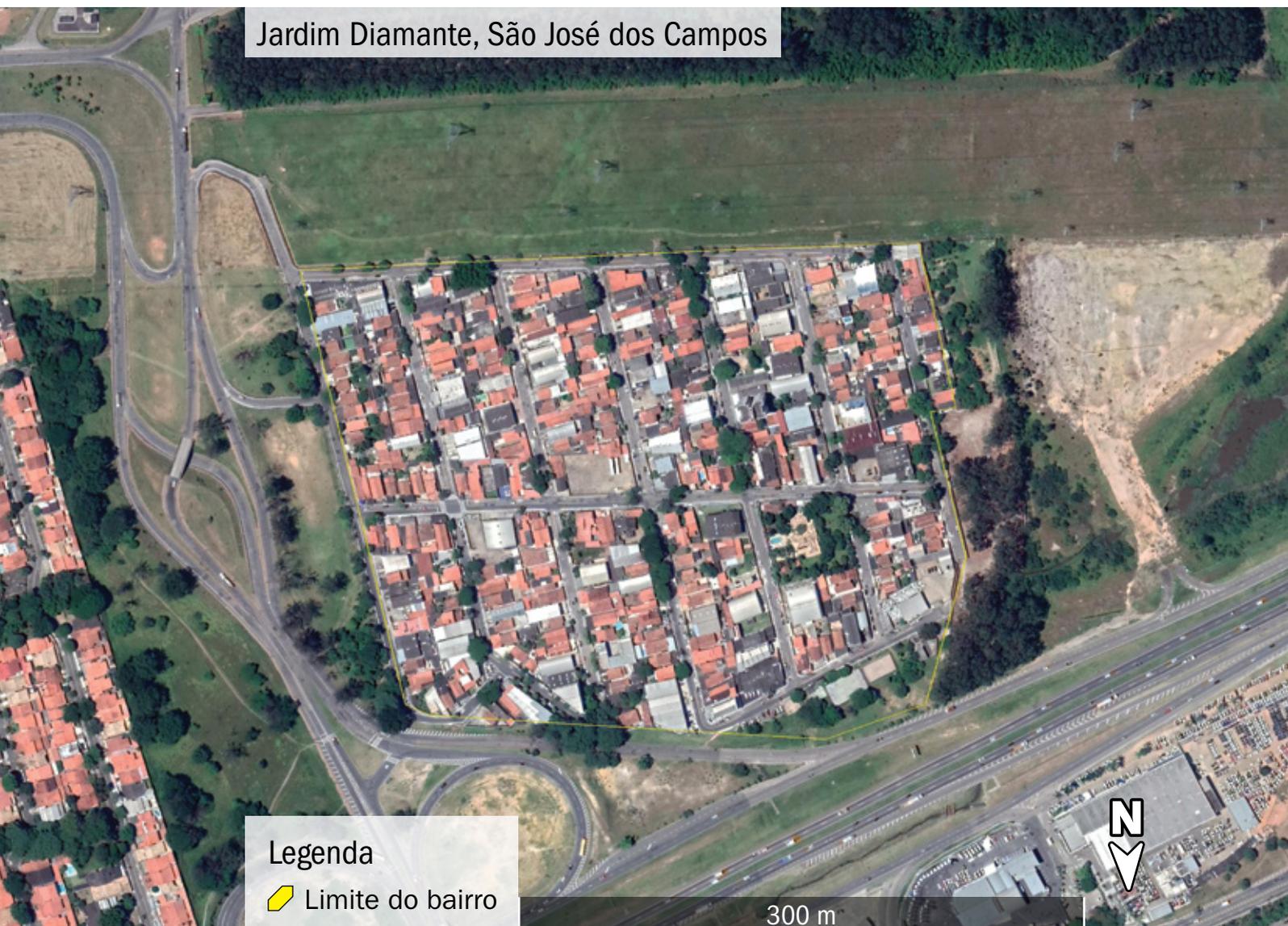


Imagem de satélite evidenciando o Jardim Diamante. Fonte: Google Earth Pro.

O Jardim Diamante possui atualmente, segundo dados da Prefeitura Municipal de São José dos Campos, cerca de 1.000 moradores⁹. É um bairro predominantemente residencial, porém, existem galpões de fábricas, mercadinhos, restaurantes e pensões também. Esses estabelecimentos comerciais são acessados pela população local e, também, pelos trabalhadores do entorno. Devido à sua situação geográfica, ficando isolado entre a rodovia Dutra, a Petrobras e as torres de transmissão de energia da Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista (CTEEP), o bairro não tem espaço para expansão. Tem uma via de acesso e uma de saída para automóveis, não possui instituições sociais, com exceção de uma Base da Policial Militar, da Capela de Santa Rita e da Igreja Evangélica Quadrangular. E nem equipamentos culturais. Tem uma área de lazer, a praça João Batista Peneluppi, com parquinho infantil, quadras, academia ao ar livre, bosque de árvores frutíferas nativas e um belo gramado. Esse local tem uma entrada para pedestres que liga o bairro à via Dutra. Tem também um espaço aberto na entrada do bairro de propriedade da Petrobras, com um pequeno trecho de uso público, onde se localiza a praça Nair Paiva.

⁹ Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/governanca/sao-jose-em-dados/populacao/>. Acessado em: 19/03/2020.



Os limites geográficos do Jardim Diamante. Crédito Eco-museu dos Campos de São José





Jd. Diamante, SJC. 12/04/2018



20 de jul de 2018 14:03:50
São José dos Campos



12 de abr de 2018 9:11:17 AM



Memórias e narrativas dos moradores do Jardim Diamante

O loteamento da Fazenda Diamante

O bairro Jardim Diamante, localizado também na região leste de São José dos Campos, se originou a partir do loteamento da Fazenda Diamante, por volta de 1965. Analisando a planta do loteamento, podemos verificar fatos bastante interessantes sobre a região. Confirmando a fala do sr. José Tavares de Menezes, antigo morador do bairro, de que quando ele mudou para ali só existiam o Diamante e o Tatetuba, vê-se que o território do Jardim Diamante pertencia ao “bairro de Tatetuba”. Além disso, a fazenda era de propriedade de Jacob e Henrique Diamante, além de Roberto Augusto Tavares. Seu José Tavares, assim como o sr. Osmar Domingos da Silva, um dos primeiros moradores do loteamento, contam acerca dos meios de transporte utilizados naquela época, pois quando eles chegaram por ali ainda não havia Vila Industrial, Vista Verde, nem qualquer outro bairro no entorno.

“As pessoas tinham que ir a pé até o Jardim Paulista, na altura da igreja, e dali pegavam o “marronzinho” até o centro. O trajeto durava pouco menos de uma hora, passando por uma pequena ponte de madeira que ficava sobre o córrego Jussara”.

Seu Osmar diz que, além da caminhada, a bicicleta era muito utilizada para o transporte. Ambos comentam sobre o transporte de charrete feito pelo seu João Pernambuco, um charreteiro muito bravo que pegava o pessoal onde hoje é a entrada do bairro Cidade Vista Verde. Seu Pernambuco era também dono de pensões, uma delas ficava localizada no Jardim Diamante, local em que os operários das fábricas do entorno se hospedavam ou almoçavam.

O acesso ao ônibus só foi possível para o bairro a partir da construção do Viaduto da Vista Verde, no ano de 1976. Nessa época, o ônibus vinha do centro e os moradores do Jardim Diamante desciam no ponto final da Vista Verde e caminhavam até suas casas.

Voltando à planta do loteamento, nota-se, do lado inferior esquerdo, a presença de um loteamento que acabou não existindo devido às desapropriações feitas posteriormente pela Petrobras: o Jardim Estrela. Além desta área, os lotes A e B, onde estava prevista uma entrada para o bairro, e os lotes I e P, assim como a rua 13, foram também desapropriados para a construção da Revap, que teve início anos depois, em 1973-74, a fim de atender as metas do II Plano Nacional de Desenvolvimento, sendo inaugurada em 1980. A Light, por sua vez, atualmente Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista (CTE-EP), já tinha suas torres de transmissão de energia passando por ali. Interessante que nos lotes 32 das ruas Coronel Eurico Costa Souza, Professora Ana Izabel Barbosa e Francisco Camilo estavam respectivamente previstas uma escola, um sistema de águas e uma capela. Dessas três instituições, apenas a Capela Santa Rita se concretizou.

Na planta do loteamento está nomeada a Estrada do Cajuru, que hoje se transformou numa pequena rua, a Avenida Cajuru, mas que naquela época conectava a fazenda Diamante e as fazendas da região (cujos loteamentos deram lugar aos bairros Cidade Vista Verde, Jardim Motorama, Jardim São Vicente, Jardim Americano e à Revap¹⁰) à região do Cajuru, chegando até a Capela de Santa Cruz, localizada hoje na entrada do bairro Campos de São José. Seu José Tavares e seu Osmar contam que no trajeto da Estrada do Cajuru havia uma grande plantação de café, bem como uma expressiva plantação de laranja, além dos trechos de mata fechada. Diz seu Osmar:

“Plantava café, você ia lá para o Cajuru a fora e era café puro. Era gostoso, tinha muito passarinho [...]. Era gostoso de andar porque você saía daqui e ia tudinho embora, não tinha nada de Petrobras, era tudo café e laranja, tudo que tinha lá”.

Maria Lenirte Borges Paschoal, também uma antiga moradora do bairro, comenta sobre os nomes das ruas, pois são de pessoas da família Diamante ou de pessoas a eles relacionadas. Rosa Coulicoff Diamante, por exemplo, era esposa do sr. Henrique; Francisco Camilo trabalhava na Imobiliária Diamante, que fazia as vendas dos terrenos. João Batista Peneluppi, que dá nome à praça do bairro, foi um importante comerciante em São José. Lembra dona Lenirte que os Diamante, de origem judaica, eram importantes comerciantes na cidade. O sr. Henrique Diamante tinha uma loja, a Casa Diamante, onde se vendia uma grande diversidade de produtos de vários locais do mundo, brinquedos, eletrodomésticos, bicicletas, chocolates...

¹⁰ Disponível em: <https://www.saviver.org/>. Acessado em: 25/03/2020

3 de ago de 2018 20:02:04
São José dos Campos



Moradores do Jardim Diamante contam em roda de conversa do Ecomuseu suas memórias acerca dos primeiros tempos do bairro. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

A senhora Jocélia Martins, mais conhecida como Célia, é nascida no Jardim Diamante na época em que ali ainda era uma fazenda. Seus pais e avós eram trabalhadores rurais e cuidavam dos serviços da fazenda, assim como produziam suas próprias roças. Célia nos conta que sua casa ficava na entrada do bairro, onde hoje está a praça Nair Paiva. Já a casa de seu avô ficava num terreno onde hoje passam as linhas de transmissão de energia. Lá ele possuía uma pequena roça onde Jocélia brincava quando criança.

Josélia relembra:

"Meu vô tinha uma roça ali naquele terreno, onde tem as torres de energia. Eu brincava muito ali, era muito bom! Lá tinha muita coisa que ele plantava, tinha abacaxi, laranja, caqui, figo. Aqui na fazenda mesmo, antes dessas casas todas, tinha muita fruta plantada".

Embora na planta do loteamento disponibilizada pela Prefeitura conste que a gleba começou a ser dividida e feito seu arruamento no ano de 1967, Célia remonta ao final da década de 1950, início de 1960, a divisão da fazenda entre os colonos, dando início, só mais tarde, às vendas dos lotes. Uma das primeiras medidas tomadas neste momento, segundo Jocélia, foi a construção de um poço artesiano em que seu pai trabalhou. Depois de vendida a fazenda, seu pai foi trabalhar na fábrica da General Motors, recém instalada na cidade, localizada próximo ao Jardim Diamante, às margens da via Dutra.



Rua Profa. Ana Isabel Barbosa, em 1982. Crédito: Arquivo pessoal Rosana de Oliveira.



Fotos do início do loteamento do bairro, por volta de 1970. A família de Domingos Jorge e Maria Bernadette Leite Jorge foi uma das primeiras a se mudar para o bairro. Essas fotografias mostram o aspecto rural do bairro, com as ruas de terra e cercas de taquara. A casa do sr. Domingos, situada à rua Rosa Coulicoff Diamante, se mantém até os dias de hoje, embora a paisagem tenha mudado completamente. Crédito: Arquivo pessoal de Rosângela Leite Jorge, arquivo pessoal Rosana de Oliveira e Google Street View.





Memórias sobre o rio Alambari

Próximo à terra do avô de Jocélia passava um rio. Num contexto rural, a importância de se ter um terreno à beira de um rio é enorme. Produção de energia para movimentar moinhos, rodas d'água, monjolos, água para lavar roupas, para tomar banho, para brincar. O fato é que por ali passava, e ainda passa, o rio Alambari. Aquele mesmo rio Alambari que vem lá do Campos de São José, das fraldas da Serra do Mar.

A lembrança do rio Alambari, que atualmente passa atrás do bairro, separado da população pela Petrobras e pela CTEEP, é muito forte entre os moradores mais antigos. Seu Osmar conta:

“Aí era bom! A turma, de domingo, nadava na prainha. Era gostoso demais. Hoje está uma sujeira danada. Se pudesse limpar esse riozinho era bom. De domingo ali era a festa da criançada brincar. As crianças iam brincar e os marmanjos iam tudo junto”.

Seu Osmar tem muita saudade da vivência no rio. Relembra do futebol que tinha no campinho de areia e que não tinha muro que separasse o rio da comunidade. Ele era treinador de um time de futebol e todos os domingos tinha jogo. Seu Marino, outro morador antigo, que possui comércio no bairro, lembra que vendia bebidas enquanto divertia-se com as partidas de futebol, que depois acabavam num gostoso banho de rio para refrescar. As crianças divertiam-se nadando, brincando e jogando futebol, enquanto os adultos pescavam.

O sr. Domingos Jorge também gostava de futebol e, para atrair a garotada, montou, junto com Sérgio Wenceslau dos Santos, Grêmio Esportivo Jardim Diamante, por volta de 1985. Esse time jogou por muitos anos ali no campinho do rio Alambari, treinado por Marcos Lupércio, conhecido como Palhinha. Rosângela conta sobre a importância do esporte para os jovens do bairro, envolvendo meninos de várias idades e estimulando o trabalho em equipe, concentração e condicionamento físico.



Fotografias do Grêmio Esportivo Jardim Diamante em três momentos. Com Sérgio Wenceslau dos Santos, com Domingos Leite e com Marcos Lupércio, conhecido como Palhinha, que coordenou o time por muitos anos, segundo relato de Rosângela. Crédito: Arquivo pessoal de Rosângela Leite Jorge.





Em julho de 2018 moradores do Jardim Diamante, durante caminhada de reconhecimento do território, mostram para a equipe do Ecomuseu o rio Alambari e o local onde ficava o campo de futebol. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Rosângela Leite Jorge é também uma moradora antiga do bairro e conta sobre as pescarias no rio. Seu pai, Domingos Jorge, certa vez construiu um barco pequeno para pescar bagres e outros peixes que havia ali. “Nós íamos longe no rio”, diz ela.

Nas lembranças de Rosângela:

“Nossa diversão era brincar na rua, que eram todas de terra, e no riozinho, que tinha aquela praia linda. Andávamos muito pelo mato onde é hoje a Petrobras, buscando plantas. Íamos até quase o Jardim da Granja, onde tinha também uma Lagoa. Meu pai sempre gostou muito de pescar e íamos muito no final de tarde e passávamos a noite ali no rio, pescando. Foi quando ele fez um barquinho e íamos pescar de barco, era muito bom, trouxemos vários peixes pequenos, tilápia, se eu não estou enganada, para criar ali e podermos pescar. Esse rio era a nossa diversão.”

O acesso ao rio era feito pela última rua do bairro, que atualmente faz divisa com o terreno da Petrobras. Antigamente esse acesso era livre, mas depois de algum tempo foi fechado. Com o passar dos anos, e com a industrialização crescente da cidade, o rio ficou poluído, impróprio para banhos e diminuiu consideravelmente seu volume. Esse último fato deve-se principalmente à construção de uma represa no Alambari, que diminuiu consideravelmente seu volume de água, além da degradação da mata ciliar ao longo do seu trajeto.

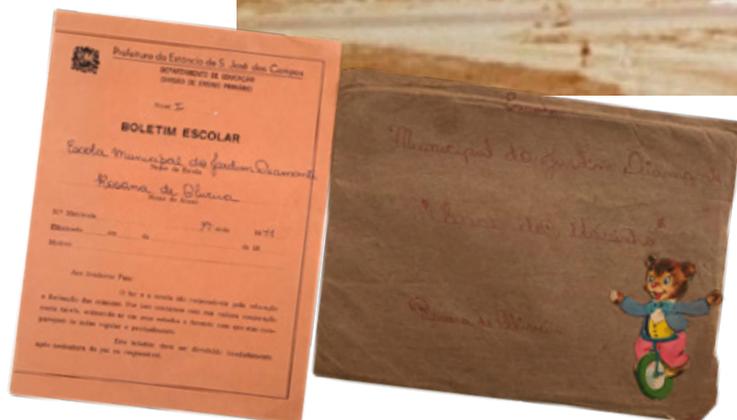


Maria Aparecida de Oliveira, em 1977, brincando às margens do rio Alambari, no Jardim Diamante. Crédito: Arquivo pessoal de Lúcia Helena de Oliveira Fucitalo.

Memórias sobre a escola do Jardim Diamante

Atualmente o Jardim Diamante não possui escola, nem pública nem particular, porém, desde a década de 1970 até finais de 1990, abrigava uma escola, inicialmente municipal, depois estadual, que formou muitos moradores do bairro. Em 1985, quando passou para a administração estadual, a escola recebeu o nome de EEPG Joana de Camargo Fonseca, logo, atendia os alunos do Primeiro Grau (atualmente chamado de Ensino Fundamental). Lúcia Helena de Oliveira Fucitalo, que vive no bairro há 45 anos, relembra o tempo em que os filhos estudavam nesta escola, que, segundo ela, era a melhor da cidade. Camila de Oliveira Rosa, filha de Lúcia, confirma a fala da mãe.

A lembrança da escola é muito presente nos moradores, seu José Tavares, por exemplo, recorda que um amigo seu, morador do Jardim Paulista, fazia o transporte da professora em sua charrete. A escola ficava em frente à praça João Batista Peneluppi, onde hoje funciona uma Base da Polícia Militar – 1ª Companhia.



Na primeira foto vemos o Jardim Diamante nos seus primeiros anos de loteamento, por volta de 1970. O prédio branco no centro da fotografia é a Escola Municipal do Jardim Diamante. Na segunda foto, a capa do boletim escolar da então aluna Rosana de Oliveira. Crédito: Arquivo pessoal Rosana de Oliveira.



Nessas fotos vemos a entrada da escola Joana de Camargo Fonseca, então uma escola estadual, e a horta cultivada pelos alunos. Crédito: Arquivo pessoal de Lúcia Helena de Oliveira Fucitalo.





Cenas da escola do Jardim Diamante. Crédito: Arquivo pessoal de Isabel Cristina de Miranda Muramoto.



Embora as memórias das pessoas sobre a escola sejam muito positivas e saudosas, a unidade acabou fechando por volta do ano 2000. Por ser uma escola de difícil acesso para moradores de outros bairros, ela atendia basicamente os alunos do Jardim Diamante. O público já não era grande. Além disso, segundo relatos, muitos pais começaram a matricular seus filhos em escolas de outros bairros, mais perto dos locais de trabalho deles, para facilitar nos horários de entrada e saída, além do aumento da procura por escolas particulares. Em 1997, o jornal Folha de São Paulo, na sessão Vale do Paraíba, noticiou que a escola do Jardim Diamante estava agrupando alunos dos 1º e 2º anos, bem como dos 3º e 4º anos por conta do escasso número de matriculados.

A escola estadual de 1º grau Joana de Camargo Fonseca, em São José dos Campos (97 km de SP), está mantendo alunos de séries diferentes em uma mesma sala.

Por determinação da Delegacia de Ensino, a escola agrupou alunos de 1ª e 2ª séries em uma sala e de 3ª e 4ª séries em outra. Cada sala tem um único professor.

A medida não agrada pais de alunos, que temem queda no rendimento escolar de seus filhos.

Para a delegada da 2ª Delegacia de Ensino, Sônia Maria Silva, 43, o ideal seria que os alunos estudassem em salas separadas, o que, segundo ela, é impossível. Segundo ela, a demanda do bairro não é suficiente para preencher as salas.

Sônia disse que a escola tem uma localização difícil, o que inviabiliza a transferência de alunos de outras escolas. A escola fica no Jardim Diamante e tem 158 alunos, dos quais, 68 em salas agrupadas. Para a delegada, a junção não prejudica o rendimento. A Secretária da Educação do Estado informou que a medida é a única alternativa para não deixar alunos sem aula¹¹.

A Capela Santa Rita de Cássia

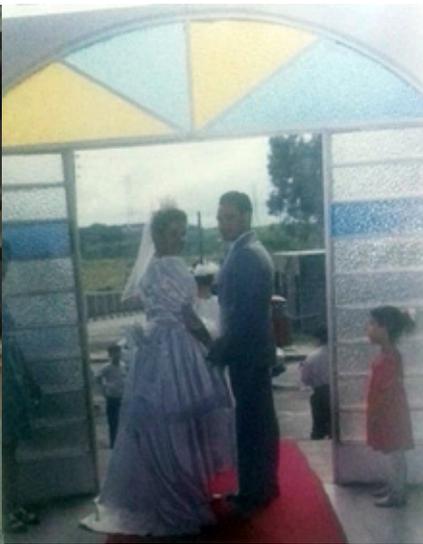
A capela do bairro foi uma conquista dos moradores, que durante muito tempo fizeram festas e organizaram a venda de doces e salgados aos finais de semana para arrecadar fundos e construir a igreja que leva o nome de Capela de Santa Rita de Cássia. Lúcia Fucitalo, que foi uma das primeiras catequistas do bairro, lembra do empenho da d. Cida, que fazia salgadinhos e doces, d. Marlene, d. Maria, seu Manoel, d. Natália e muitas outras pessoas do bairro que trabalharam duro nas festas para arrecadar recursos para a construção da capela.

¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff250229.htm>. Acessado em: 21/03/2020.



Capela de Santa Rita de Cássia, no Jardim Diamante, por volta de 1990. Segundo relato de moradores, houve grande mobilização popular para a construção da capela. Crédito: Arquivo pessoal de Lúcia Helena de Oliveira Fucitalo.

Eventos religiosos realizados na Capela. Celebração de catecismo, por volta de 1990, e celebração de casamento. Em 2012 aconteceu o primeiro casamento no bairro. Os noivos eram Maria Cristina Gregório da Silva de Paula e José Geraldo de Paula. Crédito: Arquivo pessoal de Lúcia Helena de Oliveira Fucitalo e Maria Cristina Gregório da Silva de Paula.



Maria Aparecida Cursino, a d. Cida, moradora do bairro há 45 anos, também já fez muito bolinho caipira para as festas da igreja. Ela nos conta que o local onde hoje funciona o restaurante do Coutinho era antigamente um terreno vazio onde a comunidade fazia as festas do bairro. Aos finais de semana, armavam-se barracas neste espaço a fim de promover a venda de salgados, bolos e outras coisas que os próprios moradores pudessem fazer para arrecadar dinheiro para a construção da igreja. Juntavam o dinheiro e iam comprando os tijolos para erguer a capela. D. Cida conta que, quando a capela foi construída, precisava de uma cruz e ela fez questão de comprar a madeira para fazer. Deu a madeira para Paulinho, um morador antigo do bairro que era muito ativo nas ações da igreja. Ela sentia muito orgulho de ver a cruz erguida e de saber que tinha um pouco de sua história ali.

Atualmente, a principal festa religiosa do bairro é em homenagem à Santa Rita de Cássia e acontece no mês de maio, com o envolvimento de moradores e do padre local. Maria Cristina Dias Amaral Paiva é responsável por organizar o festejo, que conta com o empenho de muita gente da comunidade.

Festas de Santa Rita, que anualmente acontecem no entorno da Capela, no mês de maio. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



As mulheres se organizam semanas antes da festa para a feitura dos quitutes. O famoso bolinho caipira, patrimônio imaterial do Vale do Paraíba, não poderia ficar de fora dessa festa, assim como os doces e bolos. Dona Isabel de Fátima Santos de Azevedo é uma referência no assunto. Bolinho caipira, bolo de coco e tantas outras receitas são preparadas por ela para serem vendidas durante a festa.



Em fevereiro de 2019, d. Isabel esteve participando do Programa Museu Vivo, no Museu do Folclore de São José dos Campos. Na ocasião, para alegria do público presente, ela fez seu famoso bolo de coco. Crédito: Museu do Folclore de São José dos Campos.

As festas juninas também são muito lembradas pelos moradores. Lúcia conta que tinha quadrilha, casamento. Todo mundo ia vestido à caráter. Era muito divertido, a comunidade era muito unida.

Seu Osmar lembra com nostalgia das festas juninas, que eram muito boas porque eram feitas com a participação de todos. Segundo ele, essa participação dava alegria às pessoas. Tinha muita comida e sempre uma música ao vivo com viola ou sanfona.

"Tinha São João, São Pedro, tinha muita festa boa aqui, nós fazíamos festa nessa rua aqui. Todo mundo dava uma força, um comprava uma coisa, outro comprava outra coisa e a festa se fazia. Todo mundo ajudava".

Outras festas citadas pelos moradores são: a festa das crianças, realizada em dezembro, e a festa de aniversário do bairro.

JARDIM AMERICANO

Jardim Americano, São José dos Campos



Imagem de satélite evidenciando o Jardim Americano. Fonte: Google Earth Pro.

Segundo informações de antigos moradores, o local onde hoje é o Jardim Americano foi uma fazenda de laranja, loteada e urbanizada na década de 1970. Observando as plantas de loteamento do Jardim Americano e do bairro Três Josés com atenção, nota-se que o terreno pertencia a Benedito Cassiano da Silva, inclusive o trecho localizado do outro lado da atual avenida Tancredo Neves. Nota-se também, embora o documento do Jardim Americano não esteja datado, que a planta é anterior à implantação da Revap, pois não há referência ao território da empresa, diferente do que acontece com a empresa de transmissão de energia, na época a Light, que já está demarcada na planta (lado direito). Importante reparar, ainda, que desde que o loteamento foi aprovado, o trecho onde hoje se localiza o “Campão”, que atualmente é terreno da Petrobras, não foi previsto como parte do Jardim Americano. Essa parte do território pertencia a outro proprietário, o sr. José Robaldo Caldas da Cunha. Detalhe que na planta do bairro Três Josés há um equívoco no nome do proprietário, lá ele aparece como João Robaldo Caldas da Cunha.

Duas áreas estavam reservadas no Jardim Americano. Uma delas era a praça José Carlos Pace, área onde mais tarde seria construída a escolinha do bairro, atualmente EMEI Sandra Regina de Almeida Paulo. A outra área é onde foi construída a Capela Nossa Senhora Aparecida, situada à rua Maria Carolina de Jesus, entre as ruas Benedito Eras e Júlia Cursino. Interessante que o local onde foi construída a EEPG Possidônio Salles, atualmente EMEF Possidônio Salles, não estava previsto na planta. Conclui-se, portanto, que não havia previsão para a construção de escolas na planta aprovada para o loteamento do Jardim Americano. Também não havia previsão para a implantação de uma Unidade Básica de Saúde (UBS), embora esta tenha sido construída posteriormente. No bairro Três Josés, que compõe a sequência do Jardim Americano, também não foram previstas escolas, praças, UBS ou qualquer instituição pública.





Fotografias de locais de referência no Jardim Americano. Nas fotografias da UBS e da EMEF Possidônio Salles, aparecem, respectivamente, alunos do curso de Biomedicina da Univap e de Engenharia do ITA, parceiros do Ecomuseu na execução de atividades. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Memórias e narrativas dos moradores do Jardim Americano

O envolvimento da comunidade na estruturação do bairro

Márcia Aparecida dos Santos, moradora do Jardim Americano, relembra que no ano de 1981, quando veio morar no bairro, o local ainda não tinha muita estrutura. Um caminhão pipa vinha uma vez por semana para abastecer o bairro com água. No ano seguinte, em 1982, passou a ter água encanada.

Dona Zilda, que mora no bairro há cerca de 35 anos, também se recorda das ruas de terra do bairro. Ela conta que todas as melhorias foram conquistadas a partir do envolvimento dos moradores e do trabalho coletivo. Isso inclui a construção da escola, do posto de saúde e da capela.

D. Zilda se recorda que a escola primária começou a funcionar em 1986, no local onde hoje fica a UBS do Jardim Americano. Uma sala que ficava no porão desta casa foi utilizada, por certo tempo, como sala de aula para as crianças pequenas. Foi preciso, porém, ampliar o espaço da escola e a prefeitura, não dispondo de outro local, construiu a escola infantil no terreno da praça José Carlos Pace, onde funciona até hoje. Dessa forma, o bairro ganhou uma escola, mas perdeu o único espaço de lazer e convivência que tinha. Apenas um pequeno espaço ficou reservado à praça.



Família de d. Elena Leonardo Laurindo em frente de casa no início do bairro. Crédito: Arquivo pessoal de Elena Leonardo Laurindo.



Fotografia de crianças na escolinha do Jardim America-
no há cerca de vinte anos. Crédito: Arquivo pessoal de
Zeima da Silva.



Atividade do Ecomuseu dos Campos de São José com
alunos da EMEI Sandra Regina de Almeida Paulo. Crédi-
to: Ecomuseu dos Campos de São José.

No entanto, antes de fixar endereço na rua Júlia Cursino, a UBS ficava em uma casa alugada na rua principal do bairro, a avenida Presidente Tancredo Neves. Atualmente esta Unidade de Saúde atende outros bairros da região e possui cerca de 13.000 cadastros. As conquistas do bairro foram viabilizadas a partir de doações e da ajuda efetiva de moradores, segundo Rita Célia da Silva. A UBS foi construída por meio de mutirão e a partir de doações dos moradores, que também se articularam para pedir apoio às empresas da região.

A Capela Nossa Senhora Aparecida também foi construída com o engajamento da comunidade, por meio de mutirão comunitário. Em 1975 foi construída a capelinha de madeira e, dois anos depois, em 1977, a capela de alvenaria. Padre Célio Antônio Cândido, que morou no bairro por 18 anos e que foi pároco da Paróquia São Vicente, responsável pelas capelas da região, conta que no altar da capela do Jardim Americano há uma pequena placa em homenagem a d. Rosemeire, pessoa muito importante na comunidade e que teve um papel fundamental na construção da capela.

As festas também figuram na memória dos moradores, como a festa junina, que costumava ser realizada sob a liderança da SAB (Sociedade Amiga do Bairro), e a festa das crianças. Por muitos anos as festas no bairro contaram com apoio da Petrobras que, junto à capela ou à SAB, fazia doações à comunidade.



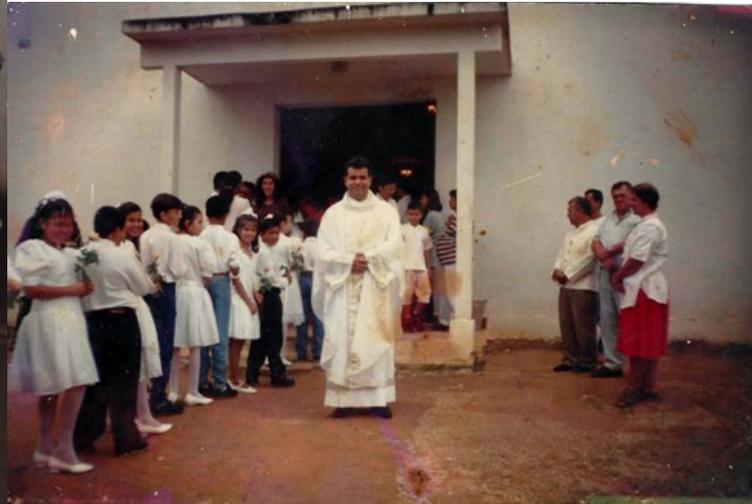
Evento religioso realizado na Capela Nossa Senhora Aparecida. Crédito: Arquivo pessoal de Zilda.



Casamento na Capela Nossa Senhora Aparecida. Crédito: Arquivo pessoal de Elena Leonardo Laurindo.



Fotografias tiradas em 1988 de festa junina na capela.
Crédito: Arquivo pessoal de Zilda.



Legenda: Fotografia de manifestação religiosa no bairro.
Crédito: Arquivo pessoal de Elena Leonardo Laurindo.



Legenda: Apresentação de Natal das crianças na Capela
Nossa Senhora Aparecida, em 1998. Crédito: Arquivo
pessoal de Maria Helenice da Silva Assis.

Há depoimentos também sobre outras festas que aconteciam no bairro, como a Festa da Primavera. Em 1999, durante este evento, os moradores mais antigos do Jardim Americano foram homenageados.



Homenagem aos primeiros moradores do Jardim Americano durante a Festa da Primavera de 1999. Nesta fotografia estão: Fátima, sr. João, sr. Anastácio, sr. Alberto e sr. José Leonardo. Crédito: Arquivo pessoal de Simone dos Santos Silva Melo.

Embora atualmente as festas populares não tenham mais o vigor que tinham no passado, o Jardim Americano é um bairro musical, pois há muitos moradores que tocam instrumentos ou gostam de cantar. Em várias atividades do Ecomuseu, pode-se vivenciar esse fato: rodas de conversa com cantoria, encontros musicais, apresentações domésticas.



Roda de conversa do Ecomuseu em janeiro de 2019.
Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Seu Antônio Viani e seu acordeon. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Em uma pausa para descansar da pesquisa de campo, faz-se logo uma roda de cantoria. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Geraldo Antônio Candido, antigo morador do bairro, vem de uma família musical. No Jardim Americano ele já ensinou muita gente a tocar violão. Além do violão, seu Geraldo gosta muito de tocar teclado. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



A luta da comunidade por qualidade de vida

No ano de 1993, moradores do Jardim Americano, juntamente com os de outros bairros da região, se mobilizaram para impedir a instalação de uma incineradora de lixo ao lado do bairro. A empresa em questão já havia recebido autorização da Prefeitura Municipal e já tinha e licença ambiental para realizar a construção da incineradora. Os moradores do entorno rejeitaram a proposta, preocupados com os danos ambientais que poderiam sofrer. Rita Célia conta que, na ocasião, reuniram-se três mil pessoas na Avenida Tancredo Neves em grande vigília, com velas nas mãos para, pacificamente, protestar. Depois de muita pressão popular, a prefeitura cancelou a autorização para instalação da incineradora.



Reportagem do jornal O Vale sobre o episódio envolvendo a incineradora REK e a comunidade do Jardim Americano. Crédito: Arquivo pessoal de Rita Célia da Silva.



Zona Leste faz pedido à prefeita

Eloá Maria

DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Os moradores de diversos bairros da Zona Leste de São José dos Campos entregam amanhã à prefeita Angela Guadagnin (PT), um ofício, pedindo análise de impacto ambiental e de risco na instalação do incinerador de detritos industriais, no Jardim Americano. A população desses bairros está revoltada com a possibilidade de a região vir a abrigar, além de seis postos de distribuição de gás de cozinha, mais um incinerador de lixo, o que aumentaria o risco de segurança da comunidade.

A população dos bairros do Jardim Americano, Jardim São Vicente, Nova Detroit e Vista Verde estão organizando um abaixo-assinado contra a implantação do incinerador, que será encaminhado à prefeita. Este incinerador deverá acolher o lixo industrial de todo o Estado de São Paulo, e depois de estar funcionando, promoverá um acréscimo de até 50 caminhões por dia, circulando pela Avenida Tancredo Neves.

Essa avenida é via de acesso a mais de 12 bairros de São José, com mais de 50 mil moradores. Segundo uma pesquisa realizada no último dia 22, pela comunidade, passam pela avenida, diariamente das 6 às 18 horas, 1.090 caminhões, 600 ônibus e 4.826 carros de passeio. Por enquanto a construção do incinerador está embargada. O movimento Greenpeace e os Sindicatos dos Petroleiros de São José e São Paulo estão preparando uma cartilha, explicando à população o que é um incinerador de resíduos industriais e os seus riscos. No próximo dia 5, os moradores do Jardim Americano visitarão o incinerador industrial de Cubatão e conversarão com a comunidade sobre suas experiências nesta convivência, que durou 20 anos.

Em São Sebastião, a Prefeitura conseguiu com que o transporte de produtos da Petrobrás deixasse de circular pela cidade, através de um estudo de impacto ambiental e de risco pedido, à empresa. Com isso, a Petrobrás renovou seu contrato com os cargueiros e evitou que o município passasse a conviver com mais 30 caminhões por ida nas ruas da cidade. A representante da comissão de moradores do Jardim Americano, Rita Célia, acredita que seja mais racional impedir a instalação do incinerador, que ter de lutar depois para sua desativação.

Histórico fotográfico do Ecomuseu dos Campos de São José

Primeiros contatos e mapeamento cultural

Nesta seção estão fotografias do mapeamento cultural, das rodas de conversa e caminhadas realizadas nos três bairros.





Atividades de conhecimento e sensibilização dos moradores do Campos de São José, Jardim Diamante e Jardim Americano. 2015-2020. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.



Jardim Diamante- SJC, 20/07/2018





Atividades socioculturais

Algumas cenas de atividades de integração social, como feiras de saberes e fazeres, encontros de cantoria, cinema ao ar livre, piqueniques, rodas de artesanato, exposições, viagens, entre tantas outras.





Atividades para interação social, troca de saberes, convivência comunitária, intercâmbio de experiências, lazer. 2015-2020. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.





Atividades socioambientais

Nestes cinco anos de atividades, em decorrência do mapeamento cultural previamente realizado, o Ecomuseu fomentou uma série de ações com o objetivo de desenvolver o território. Essas práticas, realizadas voluntariamente pelos moradores, buscavam estimular a diminuição de descarte irregular dos resíduos, o aproveitamento do espaço público e a agricultura urbana. As fotografias a seguir trazem um pouco dessa história. Essas atividades, assim como as demais realizadas pelo Ecomuseu, contaram com a parceria de secretarias municipais, universidades, escolas, organizações da sociedade civil, empresas e muitas pessoas.

Ações protagonizadas pela vizinhança da rua José Gonçalves de Oliveira e outros moradores para recuperação da mata ciliar e cultivo de gêneros alimentícios na Área de Preservação Permanente do córrego Alambari, no Campos de São José, desde 2015. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.





Construção e manutenção de hortas urbanas pelos moradores do entorno em toda a extensão da rua Isabel Nunes dos Santos Guimarães, no Campos de São José, desde 2018. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.





Ações realizadas na Unidade Básica de Saúde do Jardim Americano. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.





Ações realizadas na Unidade Básica de Saúde do Campos de São José. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

PROJETO ECOMUSEU+. Campos de São José, SJC-SP. 12.12.2019.





8 de junho de 2019 11:44:22



30 de mar de 2019 11:08:05 AM
Jardim Diamante



19 de jun de 2019 11:00:47 PM



27 de jun de 2019 07:11



19 de jun de 2019 10:52:04 AM



19 de jun de 2019 11:43:54
30 de mar de 2019 9:32:30





15 de out de 2019 12:31:45



Campos de São José-SP. 12.10.2019. ECOMUSEU+



Campos de São José, SP. 31.08.2019



30 de agosto de 2019 14:28



30 de agosto de 2019 14:28



9 de outubro de 2019



Ações de revitalização de parque e praças dos bairros envolvidos pelo Projeto Ecomuseu+ realizadas entre 2018-2020. Estão incluídas nas fotografias ações nos seguintes espaços públicos: Rua Padre Joaquim França e Praça José Carlos Pace, no Jardim Americano; Praça João Batista Peneluppi e Praça Nair Paiva, no Jardim Diamante; Parque Alambari e Praça Alda Rogada dos Santos, a Praça do Cruzeiro, no Campos de São José. Crédito: Ecomuseu dos Campos de São José.

Depoimentos e perspectivas



ANDRÉA GÓES DE SOUZA –
CAMPOS DE SÃO JOSÉ

“A EXPERIÊNCIA DE COMPARTILHAR SABERES e fazeres, de resgatar valores do passado, de tirar as crianças do mundo da tecnologia e voltar às raízes, brincadeiras de rodas, cantigas, comer Plantas Não Convencionais, ver fazer o açúcar mascavo, a paçoca e ouvir tantas histórias, enriqueceu minha vida, a vida dos meus netos e filho e, com certeza, me tornou um ser melhor. Jamais esquecerei estes momentos. Temos que continuar com tudo isso, precisamos valorizar mais as coisas simples da vida, resgatar nossas raízes e tornar o hoje e o amanhã muito melhores. Gratidão a todos vocês por compartilhar, dividir e somar neste lindo projeto”.



DONIZETTI BUENO –
CAMPOS DE SÃO JOSÉ

“A GRADEÇO A DEUS por ter tido a oportunidade de conhecer esse maravilhoso projeto que é o Ecomuseu. Fui de início numa simples reunião, só para fazer presença a um amigo. Logo percebi o tamanho da importância de poder contribuir com o meu bairro, com os bairros vizinhos, com a transformação de pessoas em um bem comum. Então, logo vieram as benfeitorias e as parcerias, e o mais gratificante é que tudo sai de nossas mãos e de nossa força de vontade. O projeto envolve cultura, lazer, esportes, meio ambiente e valorização do ser e da vida. Nosso bairro cada vez mais bonito e aconchegante. Agradeço a toda equipe do Ecomuseu e, em especial, aos amigos do Campos de São José, da horta Isabel Nunes e Fazendinha. É lógico, a todos os envolvidos de outros bairros também, aos parceiros, como a Petrobras, Prefeitura, Univap, ITA, UBSs, escolas e outros tantos que virão. Estou certo de que caminhamos para um mundo melhor hoje e sempre”.



EDVALDO GONÇALVES DE AMORIM – PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA (UNIVAP)

“SOU PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA – UNIVAP – e na disciplina que leciono, chamada “Saúde e Meio Ambiente”, sempre apresento aos estudantes o trabalho que o Ecomuseu realiza. Nos bairros onde o projeto atua, os universitários interagem com os moradores envolvidos e é nítida a transformação social que eles têm, a troca de saberes e fazeres é algo transformador tanto para os estudantes como para os moradores. Em relação às questões ambientais locais, é marcante ouvir e ver dos moradores as ações que realizam, desde hortas à coleta seletiva”.



ELIANA EBERLE CARVALHO SENA DA SILVA – CAMPOS DE SÃO JOSÉ

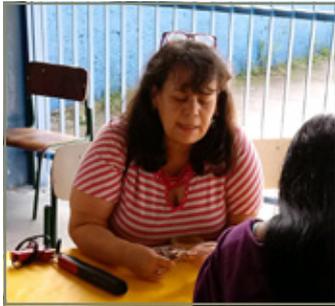
“A IMPORTÂNCIA DO PROJETO ECOMUSEU para mim é que ele desperta e valoriza na comunidade seus saberes e fazeres, une a comunidade na vontade de realizar seus sonhos. E tem a capacidade de interligar Prefeitura, UBS, escolas etc. Abrindo portas de espaços que não tínhamos acesso. Exemplos: 1. Roda de bordados que acontece na UBS onde compartilhamos o que sabemos. 2. Espaço do Parque Alambari onde plantamos árvores nativas juntamente com horta comunitária. 3. Revitalização do parquinho na área Parque Alambari. A comunidade já tinha o anseio de melhorar o bairro onde morava e já fazia algumas ações individualizadas, mas com a chegada do Ecomuseu foi possível ir além. Estou muito feliz pelas conquistas”.



ELISA FARINHA –
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL DA SECRETARIA
DE URBANISMO E
SUSTENTABILIDADE DA
PREFEITURA MUNICIPAL DE
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

“**M**EU NOME É ELISA FARINHA, eu trabalho na divisão de Educação Ambiental da Secretaria de Urbanismo e Sustentabilidade da Prefeitura [...].

Acho que é uma experiência muito importante a população estar se apropriando do espaço público, ajudando a cuidar e usando como um espaço para a produção de alimento. A gente também tem aqui na praça João Batista Peneluppi um plantio de pomar de árvores frutíferas que a gente fez no ano passado (2018) e as árvores estão super bonitas, a população está se empenhando [...]. Eu acho que tem tudo para dar certo o fato da comunidade se apropriar do espaço público e eu vejo que esse é o caminho. Eu falo que sou moradora da cidade e trabalho na prefeitura e percebo que não tem como o poder público dar conta desses espaços. A gente precisa dessa parceria com a comunidade. Isso eu acho que é uma característica muito importante do projeto do Ecomuseu”.



IVANI IZIDORO DA FONSECA –
CAMPOS DE SÃO JOSÉ

“**D**URANTE O ANO tenho acompanhado a riqueza e o desprendimento de cada um envolvido e digo que é maravilhoso e de incalculável valor. [...] Que 2020 o conceito ECOMUSEU, como museu vivo, continue a contagiar e ser musas (inspiração) para muitos. Gratidão!



IVONE DE PAULA –
CAMPOS DE SÃO JOSÉ

“**M**EU NOME É IVONE, moro aqui há 21 anos, eu e meu companheiro que hoje não está mais presente. Para nós esse espaço tem um valor muito grande, era um desejo muito grande do meu esposo cuidar desse espaço onde se jogava muito entulho. Um dia, através do projeto Ecomuseu, na pessoa da Maria e da Dona Angela, ele colocou esse desejo. E graças ao Ecomuseu ele pode realizar o sonho. [...] Ficou um marco para nossa vida, para minha rua, meus amigos que moram aqui. E esse espaço guardou toda coisa boa que ele tinha para oferecer. Ele deixou plantada em cada árvore, em cada sementinha que ele jogou. Eu hoje estou muito feliz e muito agradecida. Da minha janela eu posso olhar a homenagem feita a ele, me emociona, às vezes em um momento de tristeza, outros de alegria, mas é muito valioso. [...] E eu agradeço, agradeço ao projeto, espero que eles possam continuar com a gente por mais tempo. Nos estimulando, né? Nos direcionando para as coisas boas, né? Nós já sabíamos o que queríamos, mas através do Ecomuseu nós nos sentimos estimulados. Tenho minha irmã especial, a Hilda, que foi muito importante para ela também. Ela se viu assim, como ela fala, chique. Pintando os quadros dela, apresentando na feira, algumas pessoas comprando, né? Foi muito importante para ela, é muito importante para nós participarmos desse projeto. [...] Eu agradeço muito a todos vocês. À Petrobras pelo apoio, ao Ecomuseu. Nós tivemos esse presente de Deus que é o Ecomuseu”.



JAIRO CÉLIO NOGUEIRA –
JARDIM DIAMANTE

“**J**AIRO CÉLIO NOGUEIRA, nascido em São José dos Campos, morador do bairro Jardim Diamante, conheci o Ecomuseu+ no próprio bairro com a visita dos próprios integrantes do projeto na minha casa. O Ecomuseu+ me ajudou muito no conhecimento com o contato com a natureza e o plantio de árvores frutíferas e a união dos moradores em se reunir e se integrar com uma união em melhorias do bairro, incentivando moradores a preservar a praça para que passamos viver num ambiente saudável. O Ecomuseu me ajudou muito na biblioteca comunitária, chamada de Biblioteca do Povo, onde tive uma grande doação de livros, e onde teve uma grande divulgação da biblioteca, participando de inauguração de hortas e praças. Nestes eventos levei os livros para as crianças e foi muito bom, só tenho que agradecer ao ECOMUSEU+, incentivando fazeres e saberes!!!”



JONAS MOTTA – DIVISÃO DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA
SECRETARIA DE URBANISMO
E SUSTENTABILIDADE DA
PREFEITURA MUNICIPAL DE
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

“ESTAMOS AQUI NA PRAÇA DO JARDIM DIAMANTE, com esse trabalho magnífico que o Ecomuseu juntamente com a Secretaria de Urbanismo e Sustentabilidade está desenvolvendo, esse projeto de hortas urbanas na praça. Eu parabeneizo a toda a comunidade, a todo o pessoal que se empenhou nesse trabalho, ficou muito lindo. É um trabalho que eles estão fazendo para a comunidade, para os moradores desse bairro, levando para eles a questão ambiental. Levando para eles a questão de você pôr a mão na massa, fazer um plantio, fazer uma horta urbana. [...] Eu agradeço a todos vocês que participaram. Agradeço por fazer parte desse projeto. Muito lindo! Parabéns à Petrobras, ao pessoal que está apoiando o Ecomuseu, à Secretaria de Sustentabilidade e a todos”.



LÚCIA HELENA DE OLIVEIRA
FUCITALO –
JARDIM DIAMANTE

“O QUE DIZER DO ECOMUSEU? A princípio, quando a Petrobras falou que ia mandar um projeto, e vocês chegaram no bairro, eu não botei muita fé, não. Tanto é que eu queria que começasse logo. Mas então começamos com as rodas de conversa, com a plantação, com a pintura dos bancos, com as crianças recolhendo o lixo, aí eu fui entendendo o que era o Projeto Ecomuseu, eu fui entendendo a essência dele. Eu fui entendendo que não era a Petrobras vir e mandar alguém fazer, não era a Prefeitura vir e mandar alguém fazer. Era nós, a comunidade, aprendendo, resgatando a nossa cultura, os nossos saberes, a gente fazendo as coisas, a gente cuidando do meio ambiente. É um projeto maravilhoso. Eu gostaria que todos tivessem e pudessem conhecê-lo. Porque quando você conhece o projeto e vê o que ele significa, você vê a importância dele. Eu acho que se todas as pessoas e todas as comunidades tivessem a oportunidade de conhecer esse projeto, com certeza o mundo seria muito, muito melhor. E o carinho de vocês, o carisma, são pessoas especiais. A d. Angela nem se fale então. Quando ela fala dá vontade de ficar conversando com ela o tempo todo. O projeto é muito, muito importante. Então vocês estão de parabéns, todos vocês. Que Deus abençoe, que este projeto não acabe nunca e que cada vez mais pessoas possam conhecê-lo. Porque o mundo precisa de pessoas que saibam resgatar a cultura, suas histórias, colocar em prática seus saberes, seus fazeres, ensinar. Nossa! Isso é uma coisa muito importante, muito valiosa. Parabéns para vocês!”



MARIA CRISTINA
DIAS A. PAIVA –
JARDIM DIAMANTE

“**E**COMUSEU, ESSA PARCERIA DA PREFEITURA COM A PETROBRAS, um projeto lindo! Muitas vezes eu não consegui acompanhar todos os eventos por causa das tarefas particulares. Sei o quanto é importante para nós moradores de São José dos Campos o conhecimento popular, as descobertas. A participação das crianças nos eventos, no plantio, nas brincadeiras... As rodas de conversa que nos inteirou com outros bairros e no nosso próprio, conhecendo mais as pessoas e, também, a gente planejando, fazendo planejamento para melhorias no nosso bairro. São pessoas aprendendo e passando as suas experiências e, também, dando a oportunidade de expor os trabalhos em outros bairros. Ecomuseu é excelente. É um trabalho lindo e deve continuar”.



REJANE ALEIXO –
CAMPOS DE SÃO JOSÉ

“**[...] O QUE É QUE EU VOU FALAR DO ECOMUSEU?** Vou falar com o coração. Eu estava quietinha aqui na garagem trabalhando, fazendo meu crochê, fazendo muita arte que eu gosto. E daí passou uma mocinha aqui, duas mocinhas passaram aqui, com o uniforme do Ecomuseu, querendo saber sobre o artesanato. Se importando e perguntando. Se apresentou, que era do Ecomuseu, né? E perguntou se eu conhecia mais artesãos. Se importou com a minha história, com a minha arte. Eu tive uma sorte lascada do Ecomuseu passar na minha porta, passar na minha rua. Não só eu. Quando eu fui conhecer um pouco do Ecomuseu, eu vi que ele se importa com a natureza, eles abraçaram o bairro. Fizeram a gente ter consciência para participar. Eu conheci tantas pessoas que eu conhecia só de vista, só de passar. Através do Ecomuseu, ele juntou a comunidade para a gente se importar. Se importar com a natureza, com as velas, com o Parque Alambari, se importar com tudo, se importar um com o outro, sabe? A gente é alguém, todo mundo é alguém. E o Ecomuseu reúne a comunidade, faz a gente despertar os valores que a gente tem. [...] Então, Ecomuseu é isso, ele transforma a gente para o melhor, ele mostra o melhor da gente que está guardado aqui e a gente não sabe. A gente aprende o que é uma comunidade, assim, juntar as pessoas, e falar assim, vamos limpar, vamos cuidar. É nosso! O bairro é nosso, a comunidade é nossa, vamos cuidar? A prefeitura faz a parte dela e a gente faz a nossa. Nós também podemos fazer algo, nós também podemos cuidar da gente, cuidar do bairro. E o Ecomuseu desperta a gente para a cultura. Você com estudo ou sem estudo, desperta a gente para a cultura. É muito importante, o que eu tenho para falar é gratidão. Muito obrigada, por tudo”.



ROSELENE
RIBEIRO VITORINO –
JARDIM AMERICANO

“**S**OU PARTICIPANTE DO PROJETO ECOMUSEU aqui no Americano, na Zona Leste de São José dos Campos. O que eu poderia falar sobre isso? Desde que eles vieram para cá, no Americano, foi como se plantasse uma pequena semente, e a gente tivesse que cultivar aquela semente, mas sempre com a orientação, com o olhar amigo deles, sabe! Eu acho que foi muito válido e vai continuar sendo, que continue em outros bairros, porque é uma semente de vários tipos de sentimentos, projetos, de tanta coisa bonita que a gente pode fazer. Tão simples como ver uma árvore crescer, saber tudo o que ela pode trazer para a gente. Eu agora tenho um pinheiro em frente à minha casa, que eu já vou enfeitar para o Natal e depois ele vai me dar sombra o ano inteiro. Então é por aí. Eu acho que foi muito válido e que Deus abençoe muito este projeto, as pessoas que participam deste projeto, que chegam até a gente de coração aberto e nos dão esperanças. Eu agradeço muito”.



SÉRGIO RICARDO
SENA DA SILVA –
CAMPOS DE SÃO JOSÉ

“**Q**UEM TEM HISTÓRIA CONTA! Hoje estava roçando uma das primeiras partes (fase 1 e 2) da Florestinha. Cara, que mudança! Se eu não tivesse feito parte disto tudo, desde os primeiros movimentos até agora onde estamos, talvez duvidaria. Aliás, a dúvida sempre nos perseguiu. Será que vamos poder? Será que a prefeitura vai nos apoiar? Será que vamos conseguir manter a área? Será que dá certo pegar água de chuva? Será que a gente consegue um ponto de água? Será que as árvores vão crescer nesta terra ruim? Será que as “meninas” dão conta de fazer horta? Será que um dia a gente planta árvores até na esquina? Para cada será deste, temos uma resposta: Sim! Todo trabalho realizado teve o seu momento de importância e cada um no seu trabalho levou o Ecomuseu adiante. Não há espaço para individualismo no coletivo, eu faço, o coletivo que faz, você faz, o coletivo é que faz. Ou estamos juntos ou todo o coletivo perde!!! Comece a fotografar suas histórias junto ao Ecomuseu, avalie o antes e o depois e tenha a certeza de que você não está sozinho neste coletivo”.



SIMONE BELARMINO –
JARDIM AMERICANO

“GOSTEI MUITO DO PROJETO DO ECOMUSEU, pois tivemos a oportunidade de participar de eventos no nosso bairro e nos outros, conhecemos pessoas novas, dos bairros participantes, e alunos do ITA com novas ideias e projetos. Os alunos e professores do ITA foram muito atenciosos. O pessoal do Ecomuseu também sempre apoiando e incentivando os moradores em tudo, principalmente com o projeto da horta. Estou ansiosa para chegar o ano que vem e ver novos projetos ou continuação dos mesmos. Espero que não acabe”.



SUELY DAMÁZIO
MATSUMURA –
JARDIM DIAMANTE

“FALAR SOBRE O ECOMUSEU é falar sobre um grupo de pessoas dispostas a mudar um bairro e a mentalidade de seus moradores, cerca de um ano e meio tive a grata satisfação de conhecer o Ecomuseu e seus colaboradores, bem como os projetos já em execução em outros bairros, projetos esses a pleno vapor na implantação e execução, mas ver a disposição da equipe em criar projetos de interesse da nossa comunidade diamantense com total participação dos moradores para atender as reais necessidades do bairro e seus moradores, ou seja, tudo que se realiza em qualquer dos bairros é ideia e parte da gerência pertence à comunidade. Aqui no Diamante, onde anteriormente os moradores não participavam de nada, a equipe do Ecomuseu foi incansável em fazer com que um maior número possível de moradores participasse do Ecomuseu e fosse ativa na conservação da biodiversidade e arborização do bairro, bem como cuidar e proteger e plantar mais em praças públicas e espaços de uso comum. Porém, ainda falta muito mesmo porque, infelizmente, tem alguns moradores que são mais resistentes às mudanças, mas, com certeza, futuramente teremos a ampla maioria participando e engajada nesse novo ciclo que já teve início nas cidades mais desenvolvidas do país e do mundo, trazendo uma mudança na consciência e implantação de projetos que resgatem a natureza, tragam qualidade de vida aos moradores e os ajudem a desenvolver projetos pessoais que elevem a autoestima de cada um, integrando as pessoas ao meio ambiente, cultura e melhoria na qualidade de vida e torne a cada um ativo, participante da comunidade, acabando ou diminuindo o número de pessoas que vivem como se morassem em uma ilha deserta. Gosto e apoio os projetos e movimentos sociais do Ecomuseu e sua equipe. Só sinto não poder participar mais ativamente, mas quando eu puder, com certeza, estarei engajada totalmente na linha de frente dos projetos e movimentos sociais e outros promovidos pelo Ecomuseu e a comunidade. Em tempo, quero parabenizar a toda a equipe do Ecomuseu por promover a integração entre os bairros e o convívio social entre os moradores das comunidades. Paz e bem”.

E foi assim que tudo começou...

NOVOS CONTATOS. NOVOS DESAFIOS... Reflexões e mais reflexões. Logicamente foi uma, entre milhões de outras, que o cérebro vem reproduzindo há tantos anos... Mas uma reflexão era recorrente... Aparecia sempre, mais longa, com mais detalhes. E assim foi que aconteceu a necessidade da experimentação. Será que, de fato, o pensamento pode se concretizar, virar realidade? Não foi tão fácil responder. Foi necessário agregar outras reflexões, pensamentos de outras pessoas. Buscar o aperfeiçoamento das ideias, e assim foi feito. Das ideias propostas surgiram as ações e, desse modo, tudo foi acontecendo. Assim como no “aprendizado do andar”, começamos engatinhando e, agora, já estamos conseguindo caminhar, devagar, balançando, com muitos tropeços e algumas quedas, precisando ainda de muitas mãos nos amparando para continuar e chegar lá, na concretização do ideal sonhado. Sabemos que temos capacidades muitas e variadas para sermos melhores pessoas, vivermos melhor. Sabemos também que podemos juntar os nossos saberes com os saberes do outro e usufruirmos juntos o benefício esperado e necessário. Eis outra reflexão: Isso é possível? – Sim é possível. É o que estamos constatando com as ações ecomuseológicas desenvolvidas por pessoas que moram em três bairros joseenses: Campos de São José, Jardim Diamante e Jardim Americano. Para a realização das ações ecomuseológicas, o fundamental é que o Homem que habita, que vive naquele espaço, naquele local, entenda, se conscientize da importância do seu saber e use esse saber para o bem coletivo, de todos, para o bem da comunidade.

Há cinco anos estamos em contato com moradores desses bairros, estimulando-os a mostrarem seus saberes e habilidades e também seus sonhos e propostas através de feiras, rodas de conversas, participações em locais públicos, usando e mostrando suas habilidades. Enfim, nesses momentos e espaços, num convívio coletivo é visível e demonstrado todo o potencial cultural e a capacidade do exercício de cidadania consciente de cada um. Uma reflexão que virou uma proposta, que virou uma ação coletiva, que virou uma grande expectativa na direção de um mundo melhor. Hoje estou convencida que valeu a pena sonhar, pensar e agir. Acumulei e compartilhei saberes, ganhei amigos, vivi emoções. Meu mundo aumentou e sinto que dos outros participantes também; enfim, valeu a pena para todos.

Angela Savastano

Idealizadora do Ecomuseu dos Campos de São José

Mural de agradecimentos

Lista de nomes de moradores que participaram e apoiaram as atividades do Ecomuseu dos Campos de São José.

Campos de São José:

1. Abner Sena da Silva
2. Adão Silvério
3. Adinéia Fátima Silva
4. Agatha Roberta Silva
5. Agmar Lopes de Cerqueira
6. Ailton Massoni de Souza (Babi)
7. Ana Rodrigues da Silva Canuto
8. Ana Flávia Bonani
9. Anderson da Cruz Rosa
10. André Aparecido Silva
11. Andréa Góes de Souza
12. Anna Luiza de Souza Silva
13. Antônio Cibim
14. Aparecida Isabel M. Rodrigues
15. Beatriz da Silva Souza
16. Beatriz Góis dos Santos
17. Benedita Vilas Boas Pereira
18. Benedito Alves Garcia
19. Benjamim Sena da Silva
20. Bruna de Fátima da Silva Souza
21. Camila Cristina F. de Souza
22. Carlos Daniel Barbosa Hilário dos Santos
23. Carlos de Souza Rodrigues
24. Carlos dos Santos (Cebolinha)
25. Carlos Roberto França da Mota
26. Celina Cristina da Silva Souza
27. Célio Antônio Almeida (Padre)
28. Célio Candido da Silva Neto
29. Cezar Rodolfo Cardoso
30. Cinthia Campos Ribeiro Reis
31. Cleonice dos Santos
32. Cleverson Caetano
33. Daniela Moreira Corrá de Moraes
34. Darci Domingos Ferreira
35. David Junior Vilela
36. Denizete Jacinta de Azevedo Silva
37. Dimas Bueno da Silva
38. Donizeti Ferreira da Rocha
39. Donizetti Bueno
40. Dorival da Silva Lima
41. Edilaine dos Santos Ignácio
42. Edmilson Correia de Moraes
43. Edna Alves da Silva
44. Eduardo José Góis de Souza
45. Edvaldo da Silva
46. Efigênia Aparecida dos Santos Cabral
47. Eliana Eberle Carvalho Sena da Silva
48. Élio Gomes dos Santos
49. Elisabete da Silva Alves
50. Expedita Cardoso de Lima
51. Expedita Rosa da Silva
52. Expedito Venâncio da Silva
53. Fábio Luiz Cibim
54. Felipe Augusto Custódio Elisbão
55. Fernando Apostolo Santiago Rodrigues
56. Flávio Donizete Paulino
57. Francisca Cardoso
58. Francisco de Sousa Barros
59. Gabriel Fontes dos Santos
60. Gabriela da Silva Rosário
61. Gabrielly Kenya da Cruz Lins
62. Guilherme Palmeira
63. Guilherme Silva
64. Gustavo Vieira Gomes
65. Heliete Ferreira Vaz de Oliveira (Lia)
66. Heloísa Golçalves Quirino
67. Henilda Inácia dos Santos Ferreira
68. Henrique Junior Vilela
69. Hilda de Paula
70. Hilda Garcia de Freitas
71. Inedina Ribeiro Delpenho Ruy
72. Iracy Mara de Araújo
73. Irene dos Santos Faria
74. Isabel Ferreira da Silva
75. Ivani Izidoro da Fonseca
76. Ivone de Paula
77. Jairo Fernandes
78. Janete Moreira de Toledo
79. Jennifer da Silva Souza
80. Jéssica Carolina de Souza
81. Jéssica Cristina da Silva Souza
82. João de Moraes Filho
83. José Alves de Araujo
84. José Aparecido de Moraes
85. José Benedito dos Santos
86. José Helton Arcanjo da Silva
87. José Odair de Seixas
88. José Moraes
89. José Pereira de Barros
90. Josefa Maria da Silva Souza
91. Josefa Vieira Gomes
92. Joyce da Silva Souza
93. Juan Pablo Silva Souza
94. Júlio Henrique dos Santos
95. Júlia Soares Proença
96. Julita Miranda de Lima
97. Karen Gabriela da Silva Bessa

Jardim Americano:

1. Antônio Viani
2. Bruno de Oliveira Belarmino
3. Carla Ferreira dos Santos
4. Carlos Alberto dos Santos
5. Carlos Roberto Alves
6. Carolina Andrade Silva
7. Carolina dos Santos Siqueira
8. Douglas Ferreira de Andrade
9. Elena Leonardo Laurindo
10. Elias Donizete Belarmino
11. Fátima Aparecida Hernandes
12. Genésio Rodrigues da Silva
13. Geraldo Candido da Silva
14. Gevaldo Correia Santos
15. Joaquim Barbosa Teixeira
16. José Anésio de Lima
17. José Flávio Ferreira dos Santos
18. Jussara da Silva
19. Lucas da Silva Souza
20. Lucas Teodori
21. Lucio Delfino
22. Luiz Martins Pinto
23. Márcia Aparecida dos Santos
24. Márcia Barbosa da Cruz
25. Maria Eduarda Ferreira Fernandes
26. Maria Helenice da Silva Assis
27. Maria Ivania Santos Ferreira
28. Maria Inês Rocha Silva
29. Maria José Pereira da Silva
30. Neilma Rosa dos Santos
31. Nilton dos Santos
32. Rafael dos Santos
33. Rita Célia da Silva
34. Rogério Alves
35. Rosalina Leite das Neves e Silva
36. Roselene Ribeiro Vitorino
37. Rosemary Laranjeira David
38. Simone de Oliveira Belarmino
39. Simone dos Santos Silva Melo
40. Tarcísio Ferreira Santos
41. Terezinha Maria da Silva
42. Terezinha Sueli Passarim Madureira
43. Yasmim de Oliveira Belarmino
44. Zeima da Silva
45. Zilda

Pode nos ajudar? Se fez parte desta história ou lembrou de alguém que não encontrou na lista, deixamos este espaço para que possa completar com os nomes. Queremos você nesta história!

- Alunos, professores e funcionários da EMEF Possidônio Salles;
- Alunos, professores e funcionários do EMEI Sandra Regina de Almeida Paulo;
- Usuários e funcionários da Unidade Básica de Saúde do Jardim Americano.

A GRADECIMENTOS ESPECIAIS àquelas pessoas que participaram e trabalharam com a equipe do Ecomuseu dos Campos de São José voluntariamente, seja indo a campo, cumprindo um estágio, realizando uma pesquisa, colaborando com ideias e sugestões.

Daniela Jardim
Denise Aparecida Massa Giacomini
Lúcia Nunes
Manoella Horácio da Silva Mourão
Mariana Mendonça Andrade
Marta Vassimon
Urssula Neves Rosa Lima
Vivien Sophie Ahrens

Gratidão também a toda a rede de parceiros que ampara e dá sustentação ao trabalho realizado pelo Ecomuseu. Sem esta rede, a permanência de atividades, a troca de experiências e o alcance das ações ficariam extremamente fragilizados e opacos. Neste caminho aprendemos, mais uma vez, que juntos vamos mais longe!

Nosso muito obrigado:

4m Arquitetura + Design, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários, Associação para o Fomento da Arte e da Cultura, Comissão Nacional de Folclore, Cooperativa de Reciclagem São Vicente, E.E. Valmar Lourenço Santiago, E.M.E.F. Maria Amélia Wakamatsu, E.M.E.F. Possidônio Salles, E.M.E.I. Sandra Regina de Almeida Paulo, Fundação Cultural Benedicto Siqueira e Silva, Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Fundação Hélio Augusto de Souza, Instituto Chão Caipira, Instituto Embraer, Instituto H&H Fauser, Instituto Nacional de Pesquisas Especiais, Instituto Tecnológica do Aeronáutica, Lions Club, Museu do Folclore de São José dos Campos, Núcleo Viva a Paz, Obra Social Célio Lemos, Observatório da Paisagem do Vale do Paraíba, Prefeitura Municipal de São José dos Campos (SEURBS, SMC e Secretaria Municipal de Saúde), Rede de Ação Social, Revap - Responsabilidade Social, Universidade do Vale do Paraíba, Universidade Estadual Paulista, Wecon.

Realização:



Certificação:



Patrocínio:







Realização



Certificação



Patrocínio

